

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 06 | **Anna Maria de Castro:** Josué de Castro desnaturalizou a fome

PÁGINA 09 | **José Raimundo Ribeiro Junior:** Uma abordagem interdisciplinar da fome

PÁGINA 12 | **João Roberto Maia:** A riqueza e a dignidade humanas reveladas na escassez inclemente

PÁGINA 16 | **Rosana Magalhães:** A fome expressa a natureza da desigualdade

PÁGINA 18 | **Francisco Menezes:** O alimento tornou-se uma mera mercadoria

B. Destaques da semana

» Brasil em Foco

PÁGINA 22 | **André Filipe Zago de Azevedo:** Brasil será atingido pela crise mundial

» Entrevista da Semana

PÁGINA 24 | **Marcelo Dascal:** A autonomia é uma ilusão

» Livro da Semana

PÁGINA 27 | **Mario Fleig:** O que faremos com nossos ódios?

PÁGINA 29 | **Jean-Pierre Lebrun:** O ódio na pós-modernidade

» Filme da Semana

PÁGINA 31 | ***Linha de passe***, de Walter Salles e Daniela Thomas

» Invenção

PÁGINA 33 | **Danilo Bueno**

» Destaques On-Line

PÁGINA 36 | **Destaques On-Line**

C. IHU em Revista

» Agenda de Eventos

PÁGINA 40 | **Leonardo Grison:** Da hermenêutica de Heidegger à valorização do humano: um diálogo entre Filosofia e Direito Privado

PÁGINA 43 | **Luciana Marques:** Juventude e religiosidade: há um esvaziamento das crenças e dos valores morais

» Perfil Popular

PÁGINA 45 | **Rosalba Eliane Gomes Wisnivski**

» IHU Repórter

PÁGINA 46 | **Ana Cristina Rodrigues**



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

O MOVIMENTO DA OBRA DE JOSUÉ DE CASTRO: UMA RELEITURA CRÍTICA A PARTIR DA GEOGRAFIA E DA FOME*

José Raimundo Sousa Ribeiro Junior

AS CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES DA OBRA DE JOSUÉ DE CASTRO			
FASES	TEMAS	PUBLICAÇÕES	RELAÇÃO COM A GEOGRAFIA
Fase Explicativa	<ul style="list-style-type: none"> Estudo da alimentação da população brasileira através da medicina, sociologia e antropologia; os problemas da alimentação. 	<ul style="list-style-type: none"> "O Problema Fisiológico da Alimentação no Brasil" (1932) "Condições de Vida das Classes Operárias do Recife" (1932) "Alimentação e Raça" (1935) 	<ul style="list-style-type: none"> Superação da leitura médica no estudo da alimentação.
	<ul style="list-style-type: none"> Consolidação do "método geográfico" na obra do autor. Divisão regional do Brasil conforme os hábitos alimentares. Combate ao determinismo geográfico que apontava o clima como responsável pela má alimentação da população. 	<ul style="list-style-type: none"> "A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana" (1937); "Geografia Humana" (1939) – finalidades didáticas -. 	<ul style="list-style-type: none"> Do exercício do "método geográfico" (Escola Francesa de Geografia – Possibilismo) à sintetização dos princípios da geografia: princípio da causalidade – Humboldt; princípio da extensão – Ratzel; princípio da coordenação – Ritter e La Blache; princípio da conexão – La Blache.
"Documentário do Nordeste" (1937) – seleção de contos			
Fase Crítica	<ul style="list-style-type: none"> Dos problemas da alimentação ao fenômeno da fome coletiva (endêmica ou epidêmica; total ou parcial – oculta). Superação do "tabu" que cerca o tema da fome. Fundamentação do fenômeno da fome enquanto fenômeno social e não natural. Fundamentos econômicos do fenômeno da fome: monoculturas; latifúndios; estrutura de ocupação... Denúncia do papel exercido pelas grandes potências mundiais no crescimento da fome no mundo. Indicação para a necessidade de uma economia humanizada. Início do embate com as teses malthusianas. 	<ul style="list-style-type: none"> "Geografia da Fome" (1946) 	<ul style="list-style-type: none"> Regionalização da fome no Brasil: do mapa das áreas alimentares ao mapa da fome.
		<ul style="list-style-type: none"> "Geopolítica da Fome" (1951) 	<ul style="list-style-type: none"> Regionalização da fome no mundo. Da Geografia às teses malthusianas e a concepção de subdesenvolvimento.
Fase Desenvolvimentista	<ul style="list-style-type: none"> Identificação do fenômeno da fome com o subdesenvolvimento econômico. Propostas para a construção de uma "economia humanizada". Fortalecimento do embate com as teses malthusianas. 	<ul style="list-style-type: none"> "O Livro Negro da Fome" (1957) "Ensaio de Geografia Humana" (1957) "Ensaio de Biologia Social" (1957) "A Explosão Demográfica e a Fome no Mundo" (1968) 	<ul style="list-style-type: none"> Interlocução com uma Geografia do Subdesenvolvimento.
	<ul style="list-style-type: none"> Mudança conceitual: do "desenvolvimento econômico" ao "desenvolvimento humano". 	<ul style="list-style-type: none"> "A Estratégia do Desenvolvimento" (1971) 	
"Sete Palmas de Terra e um Caixão" (1965) e "Homens e Caranguejos" (1967) – romance -.			

Mapa das Áreas Alimentares Brasileiras



Fonte: CASTRO, Josué de. A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana, Porto Alegre, Globo, 1937. Página 148.

Mapa da Fome no Brasil



Fonte: CASTRO, Josué de. Geografia da Fome, Rio de Janeiro, Cruzetão, 1948. Anexo.

Josué de Castro: contexto profissional de sua obra																	
1908	1929	1932	1933	1935	1936	1940	1942	1946	1947	1952	1956	1957	1962	1964	1965	1968	1973
Nasce em Recife no dia 05 de setembro.	Forma-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.	Livre-docente de Fisiologia da Faculdade de Medicina do Recife.	Professor Catedrático de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Recife (até 1935).	Professor Catedrático de Antropologia da Universidade do Distrito Federal (até 1938).	Membro da "Comissão de Inquérito para Estudo da Alimentação do Povo Brasileiro" realizado pelo Departamento Nacional de Saúde.	Professor Catedrático de Geografia Humana da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (até 1964).	Presidente da Sociedade Brasileira de Alimentação (até 1944).	Idealizador e diretor do Instituto de Nutrição da Universidade e do Brasil.	Delegado do Brasil na "Conferência de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas", convocada pela FAO; Membro do "Comitê Consultivo Permanente de Nutrição" da FAO.	Presidente do Conselho da FAO (até 1956).	Deputado Federal pelo Estado de Pernambuco eleito em 1960 (até 1962).	Funda a Associação Mundial de Luta Contra a Fome (ASCOFAM).	Embaixador do Brasil na ONU, em Genebra (até 1964).	Após o golpe militar de 31 de março, através do Ato Institucional nº 1, tem cassado seus direitos políticos.	Fundador e Presidente do Centro Internacional para o Desenvolvimento (até 1973).	Professor estrangeiro associado ao Centro Experimental de Vincennes, Universidade de Paris (até 1973).	Falece em Paris no dia 24 de setembro.

* Pesquisa desenvolvida através do programa de bolsas de iniciação científica CNPQ-PIBIC no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP), sob orientação da Professora Doutora Amélia Luisa Damiani.

Josué de Castro desnaturalizou a fome

Filha de Josué de Castro, a socióloga Anna Maria de Castro conta que cresceu ouvindo falar de fome desde a mais tenra idade, tornando-se fascinada pelo tema

POR GRAZIELA WOLFART

Anna Maria de Castro é socióloga e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Começou a lecionar, em 1962, no Instituto de Filosofia de Ciências Sociais (IFCS) da UFRJ. Influenciada por seu pai – o médico, professor, escritor, parlamentar e cidadão do mundo Josué de Castro, que desmistificou a fome como uma vontade da natureza e a conceituou como fenômeno social –, dedicou-se a estudar a relação entre educação e alimentação. Ao longo de sua carreira, Anna Maria trabalhou nos institutos de Nutrição (INJC) e de Estudos em Saúde Coletiva (IESC), além de outras unidades da UFRJ. Na entrevista que segue, concedida por e-mail para a IHU On-Line, ela lembra o convívio com Josué de Castro: “Foi por intermédio de suas palavras que pude reconhecer o quanto é difícil viver neste mundo de homens que são capazes de criar infinitas belezas, capazes tecnicamente de controlar a natureza, capazes de cantar a paz, mas, também, diversamente de outros animais que só atacam para saciar a fome, praticar atrocidades inomináveis contra seus semelhantes. São capazes de aprisionar, torturar e escravizar outros homens, produzir alimentos e não distribuí-los para todos, romper com o equilíbrio ecológico, poluir rios e mares, destruir florestas, consolidando a desigualdade, aumentando a pobreza tudo em busca de mais riqueza”. Anna Maria acredita que os programas de transferência de renda, como o Bolsa Família, se constituem “na melhor alternativa para o momento vivido pelo Brasil e sua ajuda é fundamental para que as famílias possam sobreviver com alguma dignidade.”



DIVULGAÇÃO

IHU On-Line - O que Josué lhe ensinou sobre o tema da fome, dentro de casa e por intermédio de suas obras? Em que medida a sensibilidade foi uma herança que lhe motivou a seguir os estudos sobre o assunto.

Anna Maria de Castro - Esta pergunta é recorrente, entretanto é com muito prazer que a enfrento. Meu pai, Josué de Castro, foi um homem intensamente dedicado ao seu trabalho, mas, sempre que lhe era possível, buscava o convívio familiar. Alimento, ainda hoje, passados muitos anos de seu falecimento, uma profunda e sentida sensação de tristeza, quando recordo o homem afetuoso com quem convivi e cientista incansável a quem admirei em razão de suas claras e entusiasmadas explanações feitas, quase todas as noites, em torno da mesa em que

realizávamos nossas refeições. Discorria sobre suas descobertas, sobre suas propostas, que acreditava poderiam solucionar, se implementadas, parte dos problemas mais agudos da sociedade. Foi por intermédio de suas palavras que pude reconhecer o quanto é difícil viver neste mundo de homens que são capazes de criar infinitas belezas, capazes tecnicamente de controlar a natureza, capazes de cantar a paz, mas, também, diversamente de outros animais que só atacam para saciar a fome, praticar atrocidades inomináveis contra seus semelhantes. São capazes de aprisionar, torturar e escravizar outros homens, produzir alimentos e não distribuí-los para todos, romper com o equilíbrio ecológico, poluir rios e mares, destruir florestas, consolidando a desigualdade,

aumentando a pobreza tudo em busca de mais riqueza. Cresci ouvindo falar de fome desde a mais tenra idade. A princípio como mera e atenta ouvinte, após como jovem interessada e finalmente como também cientista social, fascinada pelo tema e pelas idéias. Sem dúvida, sua trajetória vitoriosa no campo das ciências sociais foi decisiva para minha escolha pela sociologia. Já graduada e melhor preparada, pude ter a dimensão exata do valor de seus trabalhos científicos e do quanto poderiam ser decisivas, para o desenvolvimento de nosso país, as medidas por ele propostas. A repercussão da *Geografia da fome* (Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1946), sem dúvida seu mais importante livro, colocava o pensamento social brasileiro em destaque. Sua passagem pela presidência do con-

selho da FAO, posição que nunca tinha sido ocupada por nenhum brasileiro, ampliava seu prestígio internacional. Tudo me levou à sociologia, opção que jamais abandonei, embora tenha lecionado, vários anos, no Instituto de Nutrição da UFRJ, que hoje se denomina Josué de Castro.

IHU On-Line - O que caracteriza, de modo geral, a relação entre educação e alimentação?

Anna Maria de Castro - Josué sempre acreditou na ciência e na técnica como elementos propulsores do desenvolvimento. Ao longo de sua vida, exerceu várias atividades: médico, sociólogo, geógrafo, escritor, entretanto o magistério foi seu mister preferido. Tinha convicção de que a educação universal e de qualidade seria capaz de mudar o quadro de nosso país.

Não foi, portanto, sem razão que, em co-autoria com a escritora Cecília Meireles,¹ em 1932, escreveu *A festa das letras*, uma cartilha que ensinava a boa prática alimentar às crianças. Mais tarde, quando da criação dos restaurantes populares do SAPS,² por ele dirigido, fazia funcionar cursos para orientar os operários na busca de uma alimentação saudável. Foi também admitindo relações íntimas entre nutrição e educação

1 **Cecília Meireles** (1901-1964): poeta brasileira, nascida no Rio de Janeiro, considerada uma das mais importantes representantes da literatura modernista. Em um de seus escritos, devido à morte do seu pai, três meses antes do seu nascimento, e de sua mãe, antes que completasse três anos, afirmou que tinha intimidade com a morte e, docemente, aprendeu as relações entre efêmero e eterno. (Nota da IHU On-Line)

2 **Restaurantes populares**: iniciativa coordenada pelo Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS), chefiado por Josué de Castro. Diante da constatação da insuficiência do salário mínimo para arcar com os dispêndios básicos, o Estado, auxiliado pelos recursos dos Institutos e Caixas de Aposentadorias e Pensões, sob a jurisdição do Ministério do Trabalho, promoveu, em 1940, a instalação e o funcionamento de restaurantes com alimentação a preços acessíveis aos trabalhadores. Um decreto-lei de 1939 já obrigava as empresas com mais de 500 funcionários a reservar um local apropriado para as refeições. A partir da iniciativa dos restaurantes populares do SAPS, o fornecimento de alimentos também passou a ser uma responsabilidade das empresas. Surgiram ainda os restaurantes gregários, instalados por outras entidades, mas cuja administração ficou sob a responsabilidade do SAPS, além de restaurantes fiscalizados que desfrutavam do auxílio logístico do SAPS. (Nota da IHU On-Line)

que ajudou, com seus estudos, na criação da merenda escolar, prática até hoje presente em nossas escolas. O trecho que segue resume bem o pensamento de Josué sobre o papel da educação para os países subdesenvolvidos: “uma educação que liberte o homem, eis ao que aspiram os povos do Terceiro Mundo. E isto supõe uma pedagogia da liberdade que liberte da dominação da Natureza, mas também da dominação de outros grupos humanos — de todo tipo de dominação. Quer isto dizer que é preciso educá-los para que se libertem econômica, política e espiritualmente” (Josué de Castro — *Estratégia para o Desenvolvimento Econômico* - 1970).

IHU On-Line - Como a senhora vê os programas de transferência condicionada de renda, tendo em vista o cenário da fome em nosso país? O que significa essa ajuda para as famílias que sofrem a fome em sua pior instância?

Anna Maria de Castro - Creio que os programas se constituem na melhor alternativa para o momento vivido pelo Brasil e sua ajuda é fundamental para que as famílias possam sobreviver com alguma dignidade. É evidente que os programas não podem ser vistos como uma solução definitiva para o problema, entretanto, a fome é implacável e “quem tem fome tem pressa”, ensinava Herbert de Souza,³ nosso saudoso “Betinho”. Josué, se vivo estivesse, entenderia a Segurança Alimentar como o corolário de suas inúmeras sugestões

3 **Herbert de Souza** (1935-1997): sociólogo responsável por uma das maiores campanhas contra a fome que o Brasil já teve. Acreditava que só a participação cidadã seria capaz de mudar o país. Na década de 1960, atuou como liderança nacional dos grupos de juventude católica que representavam as aspirações de transformação social, depois reforçadas com o Concílio Vaticano II. Exerceu funções de coordenação e assessoria no Ministério da Educação e Cultura e na Superintendência de Reforma Agrária, além de elaborar estudos sobre a estrutura social brasileira para a Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), da ONU. Atuou na Ação Popular - AP. Com o Golpe de 1964, passou a atuar na resistência contra a ditadura militar, dirigindo organizações de cunho democrático de combate ao regime. Foi exilado político de 1970 a 1979, ano em que retornou ao país. Envolveu-se inteiramente nas lutas sociais e políticas, sempre se propondo a ampliar a democracia e a justiça social. Seu nome foi um dos símbolos da campanha pela anistia. (Nota da IHU On-Line)

para o combate à fome. Como já afirmamos, é de sua inspiração o projeto que instituiu a merenda escolar, iniciativa que, sem dúvida, aumenta o índice de permanência das crianças na escola. Esta presença das crianças na escola hoje serve de referência para que as famílias continuem a receber a Bolsa Família. Portanto, vejo que seu pensamento está presente em muitas das iniciativas adotadas pelo governo, nos dias que correm. Garantir, regularmente, alimento em quantidade e qualidade para todos sempre foi o que Josué mais desejava.

IHU On-Line - Qual a importância da obra de Josué de Castro no sentido de tratar a fome não apenas como vontade da natureza, mas como fenômeno social?

Anna Maria de Castro - Josué de Castro afirmava que a fome sempre existiu. O que denunciou, fato hoje plenamente reconhecido, foi a perspectiva de que seria ela um fenômeno social, criação do homem. Assim, novo não seria o fenômeno e sim o viés pelo qual se percebe sua trágica realidade, e foi a partir desta constatação que procurou criar uma teoria explicativa para o subdesenvolvimento, a pobreza e a miséria. Tentava modificar a história de seu país. Como outros cientistas brasileiros de sua época, conseguiu, a partir de uma autoconsciência da realidade social, encontrar o instrumental necessário para o estudo desta realidade. Esta foi uma visão peculiar e original para a época em que a fome ainda era considerada um fenômeno natural. Assim, podemos dizer que foi Josué de Castro quem desnaturalizou a fome. Ao desnaturalizar o fenômeno da fome, Josué transferiu para os homens a responsabilidade maior no seu enfrentamento. Ao afirmar que a fome, nas suas várias manifestações, decorria de opções adotadas pelos homens, evidenciou-se a necessidade da adoção de políticas públicas capazes de tornar efetivo e permanente o combate à fome. O conceito consagrado de Segurança Alimentar, que reconhece o direito de cada cidadão de ter alimento em quantidade e qualidade suficientes para sua sobrevivência, é prova cabal desta compreensão.

“A má distribuição das terras produtivas em nosso país tem sido uma das razões para que não se erradique a fome de vez”

IHU On-Line - Em que sentido a fome mais sensibiliza? O que mais comove em relação ao drama da fome?

Anna Maria de Castro - “A fome é a expressão biológica do fenômeno econômico do subdesenvolvimento. A única coisa necessária para acabar com a fome é que os países do Terceiro Mundo possam ser independentes e trabalhar.” E, diante da impotência das grandes potências para resolver os problemas do mundo, Josué ironiza: “O traço mais trágico e característico da expressão sócio-econômica da América Latina é a fome de três quartos de seu povo, que não vivem com fome, mas na verdade morrem, continuamente, de fome. Não somente uma fome de alimentos, mas também uma fome de independência, de conhecimento, de verdade”. Estas duas passagens, constantes de um de seus livros, *Adónde va la America Latina?* (1965), mostram como Josué via a fome na América Latina. *Ciclo do caranguejo* é outro de seus escritos, onde a realidade do mangue é tratada de forma contundente. Descreve a vida da família Silva que, iludida pela promessa de uma vida melhor na cidade do Recife, desceu do Cariri, tacada pela seca e se vê na condição de habitar o mangue. “Logo na chegada a família viu que a coisa era outra. Não havia dúvida que a cidade era bonita, com tanto palácio e as ruas fervilhando de automóveis. Mas a vida do operário, apertada como sempre. Muita coisa pros olhos pouca coisa prá barriga. O caboclo o Zé Luis da Silva não quis desanimar... Só havia uma maneira de desapertar: era cair no ‘mangue’... No mangue o terreno não é de ninguém. É da maré. Quando ela enche, se avoluma e se estira, alarga a terra toda, mas quando ela baixa, se esconde, deixa descobertos os calombos mais altos. Num deles, o caboclo Zé Luis levantou o seu mocambo... Agora, quando Zé Luis sai de manhã para o trabalho... os meninos

vão pulando, abrindo a porta e caindo no mangue... com as pernas e os braços atolados na lama a família Silva está com a vida garantida. Zé Luis vai para o trabalho conformado porque deixa a família dentro da própria comida, atolada na lama fervilhando de caranguejos e siris”. Outras passagens da obra de Josué materializam a fome de maneira trágica e comovente. Entretanto, a mim, estas duas são bastante elucidativas.

IHU On-Line - Qual a importância da reforma agrária e do incentivo à agricultura familiar para contribuir no sentido de erradicar a fome em nosso país?

Anna Maria de Castro - Na minha visão, a má distribuição das terras produtivas em nosso país tem sido uma das razões para que não se erradique a fome de vez. Ao longo dos anos, temos desenvolvido uma agricultura de exportação. Em cada um dos ciclos econômicos, o Brasil caracterizou-se pela exportação de bens primários produzidos nos latifúndios ou nas grandes unidades da agroindústria. Estou convencida de se adotássemos, em grande escala, a agricultura familiar os resultados seriam outros. Para os estudiosos sobre o assunto, só poderemos reverter o problema, como o realizado em alguns países desenvolvidos, promovendo reforma na qual grande parte da população possa ter acesso a terra e aos insumos agrícolas necessários à produção de alimentos.

IHU On-Line - Ter comida em abundância não é sinônimo de nutrição, é? Quais as diferenças entre passar fome e ser desnutrido ou mal nutrido?

Anna Maria de Castro - A compreensão de Josué do problema da fome contemplava duas vertentes. A primeira entendia que fome não é, necessariamente, a falta de alimentos e a

segunda que a fome não é um fato natural. No primeiro caso, falava ele da alimentação inadequada, isto é, aquela onde são ingeridos alimentos que não possuem os nutrientes capazes de satisfazer as necessidades do organismo. Nutrientes estes responsáveis pela manutenção e equilíbrio da saúde. Assim, uma série de doenças que assolam as populações pobres, como o sarampo e a catapora, provocam a morte por conta da subnutrição das crianças, além de provocar, não raro, a obesidade. Com este raciocínio, ele contrariava o sentido clássico da palavra fome que a entendia apenas como a falta do alimento. Os estudos médico-sociais mais modernos demonstram que nenhum fator tem maior influência sobre o equilíbrio vital e manutenção dos níveis de vida que a alimentação. Assim, num mundo onde não se consiga obter condições de vida similares para todos os homens ao nascer, se produzirão conseqüentemente grandes contrastes nos futuros níveis de saúde e capacidade intelectual destas populações. Na segunda vertente, ele entendia que a fome não era um problema natural resultante das intempéries ou de causas sobre as quais o homem não mantinha controle, ao contrário, afirmava Josué, ela (fome) é produto das relações econômicas que se processaram em nosso país e que fizeram com que apenas uma pequena parcela da população tivesse acesso aos bens produzidos, portanto a fome decorre de ação do próprio homem.

IHU On-Line - Que outros tipos de “fome” mais incomodam o povo brasileiro?

Anna Maria de Castro - São inúmeras e graves as carências da população brasileira. Educação, saúde e saneamento são as mais marcantes. Recente pesquisa, citada pelo novo Ministro da Cultura, Juca Ferreira, aponta um expressivo número de municípios que não possuem um cinema. Mesmo nos grandes centros, é mínimo o número dos freqüentam teatros, museus e outros centros de cultura. Portanto, na realidade, quase tudo falta para a grande parte da população de nosso país. Infelizmente, ainda há fome de quase tudo.

Uma abordagem interdisciplinar da fome

Para José Raimundo Sousa Ribeiro Junior, a fome está incluída na miséria da alimentação, como sua manifestação mais grave e cruel

POR GRAZIELA WOLFART

“Quando Josué de Castro trata da fome ele o faz de maneira interdisciplinar e permite um entendimento mais rico desse fenômeno. Essa vivência com a fome e com os famintos desde sua infância traz, certamente, essa forma humana de retratar esse drama.” A análise é de José Raimundo Sousa Ribeiro Junior, que, na entrevista que segue, concedida por e-mail para a IHU On-Line, faz uma releitura da obra de Josué de Castro para falar sobre o drama da fome no Brasil de hoje. Ribeiro explica que “a maneira como nos alimentamos revela diferentes formas de sociabilidade, sendo possível afirmar que a alimentação é um fenômeno rico em significados e, que neste sentido, ela é um dos elementos de nosso incessante processo de humanização”. José Raimundo possui graduação em Geografia pela Universidade de São Paulo, tendo sua monografia o título “O movimento da obra de Josué de Castro: uma releitura crítica a partir da Geografia e da Fome”. Atualmente, é mestrando em Geografia Humana também na USP, e sua dissertação intitula-se “A miséria na alimentação e a fome: uma abordagem geográfica a partir da metrópole de São Paulo”.

IHU On-Line - Como entender o sucesso da obra de Josué de Castro sobre o tema da fome? Podemos entender que foi pela sua forma humana (e com imensa força política) de retratar esse drama?

José Raimundo Ribeiro - Entendo que o sucesso da obra de Josué de Castro pode ser explicado por alguns fatores principais. O primeiro seria a maneira como ele descobriu a fome, ainda quando criança, na cidade do Recife. Essa vivência com a fome e com os famintos desde sua infância traz, certamente, essa forma humana de retratar esse drama. Também é interessante notar que as principais obras de Josué de Castro foram escritas de maneira ensaística, o que lhe permitia uma maior liberdade no tratamento do tema. Além disso, temos de ressaltar dois importantes trabalhos literários, “Documentário do Nordeste”, de 1937, e “Homens e caranguejos”, de 1967; neles, vemos a dramaticidade do fenômeno da fome narrada com maior liberdade e entrelaçada por outros elementos da vida cotidiana (a moradia, o transpor-

te, o trabalho, a família). Outro fator que deve ser destacado, para que entendamos o sucesso da obra de Josué de Castro, é sua formação interdisciplinar. Aos 21 anos, Josué de Castro se formou em Medicina e logo em seguida começou a exercer a profissão em Recife, onde tomou contato novamente com o drama da fome e entendeu que esse é um fenômeno simultaneamente biológico e social. Assim, ele passou a estudar a fome através das Ciências Humanas, chegando até a Geografia Humana que passou a caracterizar seu método de estudo. Portanto, quando Josué de Castro trata da fome, ele o faz de maneira interdisciplinar e permite um entendimento mais rico desse fenômeno.

IHU On-Line - A que tipo de movimento o senhor se refere no seu trabalho sobre a obra de Josué de Castro?

José Raimundo Ribeiro - Refiro-me ao movimento de seu pensamento. É importante entender que o conhecimento não é uma revelação, não é algo dado e estanque. Também não há um caminho

linear da ignorância ao conhecimento; esse caminho é cheio de complicações e meandros que comportam continuidades e descontinuidades. Assim, ao estudar a obra de Josué de Castro, procurei identificar o movimento de seu pensamento através dessas continuidades e descontinuidades. Deste modo, entendo que sua obra pode ser entendida com mais riqueza e profundidade, pois permite que tenhamos uma noção de totalidade de sua obra, sem deixarmos de considerar as diferenças entre as partes que a compõe. Além disso, é importante ressaltar que o movimento de uma obra não pode ser entendido separado do contexto em que ela foi escrita. Deste modo, a interpretação torna-se menos dogmática, pois relaciona a vida e a obra do autor, colocando o movimento do pensamento dentro do contexto do qual ele fez parte.

IHU On-Line - Que releitura o senhor faz hoje da geografia e da geopolítica da fome elaboradas por Josué de Castro?

José Raimundo Ribeiro - Faço uma releitura a partir de dois pontos de vista. De um lado, tento entender os fundamentos teórico-metodológicos que levaram Josué de Castro a elaborar uma geografia e uma geopolítica da fome. Nesse sentido, entendo que a Geografia Humana, enquanto uma Ciência que apresentava como objeto de estudo a relação entre o homem e o meio que ele ocupava (o meio geográfico), foi muito importante para que Josué de Castro pudesse realizar um estudo sobre a fome tanto em seus aspectos naturais como sociais. É interessante notar também que ele, ao tomar a fome como objeto de estudo, de algum modo desvia os rumos da própria Geografia Humana, pois, ao invés de ressaltar a identidade entre o homem e o meio geográfico, vai revelar como a fome é produto do desequilíbrio nessa relação. Assim, de algum modo, ele também já apresentava uma possibilidade de superação da Geografia Humana de tradição francesa. Por outro lado, procuro considerar nessa releitura a realidade vivida e estudada por Josué de Castro entre as décadas de 1930 e 1960. Isso significa que tanto a fome como suas formas de combate se apresentavam de maneira distinta naquele momento, e que, neste sentido, é importante que tenhamos consciência dos avanços e dos limites de sua interpretação para que possamos ter uma postura crítica e aprofundada sobre os conteúdos da fome hoje.

IHU On-Line - Qual é a atualidade da contribuição de Josué de Castro para pensar a realidade da fome no Brasil de hoje?

José Raimundo Ribeiro - Gostaria de destacar duas contribuições que entendo ser centrais e mostram a atualidade da obra de Josué de Castro. A primeira contribuição refere-se à maneira como o conceito de fome é formulado por Josué de Castro. Em *Geografia da fome*, depois de mais de 14 anos estudando os problemas da alimentação, ele apresenta a fome através de três pares conceituais: a fome é individual ou coletiva; endêmica (sempre presente) ou epidêmica (ocorrendo em surtos); e total (que

“As estratégias de sobrevivência do faminto, no campo e na cidade, certamente são diferentes, mas são sempre degradantes e revelam a desumanidade inerente à sociedade capitalista”

seria a inanição) ou parcial/oculta (fenômeno no qual a falta permanente de determinados elementos nutritivos leva lentamente grupos inteiros à morte, mesmo que esses comam todos os dias). Com essa conceituação Josué de Castro tem a intenção de revelar como o fenômeno da fome é muito mais freqüente e devastador do que se imagina, pois atinge a milhões de pessoas que mesmo comendo todos os dias passam fome. Trata-se, em outras palavras, de considerar não apenas aqueles que morrem de fome, como também aqueles que vivem dramaticamente com fome. Essa contribuição é muito atual. Basta lembrarmos a repercussão do lançamento do “Programa Fome Zero” em 2003, pois naquele momento foi recorrente o discurso (inclusive no meio universitário) de que a fome no Brasil seria um fenômeno limitado que não justificaria a existência de tal Programa. Não há nada de errado em criticar o “Programa Fome Zero” e suas formas de atuação, porém não é possível concordar com a afirmação de que a fome no Brasil seja um fenômeno de pouca relevância. Outra contribuição atual para pensar a realidade da

fome, não apenas no Brasil como em todo mundo, é a desnaturalização da fome. Para Josué de Castro, a fome se configura como um fenômeno social, produzido pelo homem, e não pode ser explicada somente a partir de elementos naturais. Ao identificar a fome endêmica na Zona da Mata do Nordeste, uma região que apresentava todas as características naturais necessárias à produção suficiente de alimentos para sua população, Josué de Castro nos dá um exemplo de como a fome é um fenômeno produzido socialmente. Ainda no que se refere à desnaturalização da fome, Josué de Castro se contrapõe aos discursos malthusianos que tentam, através de uma abordagem demográfica, responsabilizar o próprio faminto pela fome. Não é difícil, ainda hoje, nos depararmos com esse tipo de discurso que vê no “excesso de população” a principal causa da fome.

IHU On-Line - Quais as diferenças entre fome e miséria na alimentação?

José Raimundo Ribeiro - Não se trata exatamente de uma diferença. A fome está incluída na miséria da alimentação, como sua manifestação mais grave e cruel. No entanto, entendemos que é necessário considerar também os processos de deterioração da alimentação. A tentativa é a de revelar que a alimentação não pode ser entendida como uma necessidade puramente elementar ou funcional (sendo sua função garantir a sobrevivência). Uma análise estacionada nesse nível reivindica somente a sobrevivência e não a vida. A maneira como nos alimentamos revela diferentes formas de sociabilidade, sendo possível afirmar que a alimentação é um fenômeno rico em significados e, que neste sentido, ela é um dos elementos de nosso incessante processo de humanização.

IHU On-Line - O drama da fome é mais cruel nas metrópoles ou nas localidades mais afastadas dos grandes centros? Por quê?

José Raimundo Ribeiro - É difícil responder essa pergunta, pois não há como negar a radicalidade do fenômeno da fome, seja nas metrópoles ou no campo. A fome, enquanto drama vivi-

do cotidianamente, é sempre cruel. As estratégias de sobrevivência do faminto, no campo e na cidade, certamente são diferentes, mas são sempre degradantes e revelam a desumanidade inerente à sociedade capitalista. O que é importante de ser destacado é o fato de que no Brasil, assim como em muitos outros países, o fenômeno da fome não está restrito ao campo. Há, em geral, uma crença de que na cidade as pessoas conseguem se virar e não passam fome, mas isso não é verdade. Novamente Josué de Castro mostra sua importância e atualidade, pois não se trata de considerar somente aqueles que morrem de fome, mas também, como já afirmamos, aqueles que vivem uma vida toda com fome, e isso é muito mais comum do que se imagina nas grandes cidades. Para se ter uma idéia, a última PNAD (Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios do IBGE), realizada em 2002, indica que quase 40% da população total brasileira estava em situação de insegurança alimentar, e destes quase 80% viviam nas cidades.

IHU On-Line - Como se constitui hoje o mapa da fome no Brasil?

José Raimundo Ribeiro - Pensando na fome no Brasil, hoje seu mapa é certamente muito diferente daquele apresentado por Josué de Castro em *Geografia da fome* na década de 1940. Na década de 1930, Josué de Castro, fez uma regionalização do espaço brasileiro a partir da dieta básica nos diferentes lugares do Brasil. Essa dieta era considerada o resultado da relação do homem com o meio geográfico e foi feita principalmente a partir do estudo da alimentação do camponês. Em *Geografia da fome*, Josué de Castro retoma essa regionalização e define as áreas de fome no país. Porém, o processo de urbanização (acompanhado da industrialização), que se consolidou desde então, redefiniu a alimentação do brasileiro e impôs uma maior homogeneidade a ela. Um exemplo claro disso é a própria instituição da cesta básica, que é composta por uma série de alimentos idênticos para todo país. Assim, mesmo havendo ainda hoje grandes diferenças entre os principais alimentos consumidos nas

diferentes partes do território brasileiro, seria muito difícil regionalizá-lo a partir das dietas da população. Além disso, como indicamos anteriormente, o fenômeno da fome também se urbanizou. Assim, um novo mapa da fome teria de revelar a urbanização desta. De todo modo, gostaria de ressaltar que, para Josué de Castro, o mapa era um meio para entender a realidade e não a finalidade de seus estudos. Atualmente, alguns estudos vêm colocando os mapas como resultado de seus estudos, mapas elaborados unicamente através de índices estatísticos (ou seja, muito diferentes dos mapas produzidos por Josué de Castro), como se eles, por si só, pudessem explicar os fenômenos representados. Por isso, entendemos que a produção de um novo mapa da fome se constitui como um desafio, mas que não pode ser entendido como o resultado final de uma pesquisa, pois não explicaria por si só os conteúdos desse fenômeno.

IHU On-Line - A partir de Josué de Castro, quais seriam as possíveis soluções para o fim da fome no Brasil? Como ele veria o programa Bolsa Família, do governo federal?

José Raimundo Ribeiro - Josué de Castro sempre defendeu a realização do que ele denominava de “plano sistematizado de política alimentar”. Esse plano estava fundamentado em diversas ações que visavam melhorar a produção, a distribuição e o consumo dos alimentos. Entre as ações defendidas por Josué de Castro estão: a realização de uma reforma agrária, como modo de combater o latifúndio e a monocultura; o incentivo técnico e financeiro ao camponês; o estímulo ao cooperativismo; a construção da infraestrutura necessária para a circulação e distribuição dos alimentos; uma larga campanha que ensinasse e incentivasse os bons hábitos alimentares à população; o controle e orientação da produção de alimentos tendo como objetivo a satisfação das necessidades alimentares da população. Nesse sentido, penso que o Bolsa Família não possa ser caracterizado como esse plano sistematizado reivindicado por Josué de Castro. Se, por um lado, ele aumenta o poder aquisitivo da popu-

lação, e isso é importante, por outro, seus efeitos não são suficientes para garantir a alimentação adequada de todos os brasileiros. É importante ressaltar também que o governo federal não apenas não realizou a reforma agrária, como também têm incentivado o agronegócio que não produz alimentos para a população brasileira, vide o caso da soja, e mais recentemente da cana de açúcar para a produção de “biocombustíveis”.

IHU On-Line - Como entender a existência da fome num país de tanta abundância de alimentos como o Brasil?

José Raimundo Ribeiro - Primeiro é necessário se perguntar se há de fato uma abundância de alimentos em nosso país. A produção agrícola brasileira é muito grande, porém é alarmante o fato de que o Brasil precise importar arroz, feijão e trigo, para ficarmos apenas com alimentos mais consumidos pelos brasileiros. Isso demonstra que o país não tem uma “soberania alimentar”, reivindicada por diversos movimentos sociais e que pode ser identificada já na obra de Josué de Castro. De qualquer modo, a pergunta é válida, pois o Brasil teria condições de produzir alimentos suficientes para alimentar toda sua população e é necessário responder por que não o faz. Nesse sentido, entendo que é imprescindível se aproximar de uma crítica da economia política que revela como o capitalismo nos impõe uma enorme inversão, a de que os bens materiais, enquanto mercadorias, não existem para satisfazer as necessidades dos homens, mas para realizar a valorização do valor. Em outras palavras, sob o capitalismo não importa para o produtor de alimentos (assim como para o produtor de qualquer outra mercadoria) como e por quem essa mercadoria será utilizada, mas se ela vai lhe render o retorno pelo capital que ele investiu no processo. Além disso, o sentido do desenvolvimento do capitalismo é o de poupar cada vez mais mão-de-obra, o que produz uma massa enorme de desempregados que depende do dinheiro para poder adquirir os alimentos necessários para sua sobrevivência.

A riqueza e a dignidade humanas reveladas na escassez inclemente

Na opinião do professor João Roberto Maia, a obra *Vidas secas* destaca o drama do nordestino miserável, a tragédia social do Nordeste, como uma das expressões máximas da situação apartada dos pobres no Brasil

POR GRAZIELA WOLFART

Ao analisar o tema da fome na obra *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, o professor da Fiocruz João Roberto Maia, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, destaca uma questão intrigante: “Ao colocar em pauta a fome e a opressão da família de retirantes, o que vem para o primeiro plano no romance não é a fatalidade da natureza. O sofrimento não está naturalizado nos ciclos da seca e da chuva, mas as razões de sua existência devem ser buscadas em fatores de ordem social e econômica”. Para ele, “várias passagens de *Vidas secas* nos tocam e nos fazem pensar sobre o problema da fome de modo diferente e certamente mais intenso do que se lêssemos um relato historiográfico sobre o assunto”. E completa: “A leitura do romance de Graciliano faria muito bem a muitos que hoje concebem a fome exclusivamente ou quase segundo dados estatísticos”. João Roberto Maia é mestre e doutor em Letras Vernáculas, pela UFRJ, e professor de Literatura Brasileira da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) do Rio de Janeiro.

IHU On-Line - Em que sentido *Vidas secas* retrata a miséria e a fome como problemas que ferem a dignidade humana?

João Roberto Maia - Em *Vidas secas*, podemos apontar de saída dois traços que o singularizam entre os romances de Graciliano Ramos: é o único escrito em terceira pessoa e é também o único que eleva a plano de destaque o drama do nordestino miserável, a tragédia social do Nordeste, uma das expressões máximas da situação apartada dos pobres no Brasil. No romance, a habitual economia de palavras do velho Graça serve bem ao tratamento literário conseqüente do problema: a extrema redução da caracterização dos meninos retirantes, por exemplo, é um índice da situação desumanizadora em que vivem. Várias passagens de *Vidas secas* explicitam o embrutecimento de pessoas submetidas a situações de negação de direitos básicos, que têm de enfrentar a experiência

medonha da fome. Logo a primeira referência à família dos retirantes Fabiano e sinha Vitória os qualifica como “infelizes”, que “estavam cansados e famintos”. No primeiro capítulo são muitas as referências à luta contra a fome. Nessas condições, Fabiano sente desejo de matar o filho mais velho que, exaurido, não consegue mais caminhar. Nas palavras do narrador, o pai sertanejo “[t]inha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça”. Ele chega mesmo a pensar em abandonar o filho naquele descampado. As reações brutais dão a medida da redução da dignidade humana a possibilidades mínimas. Por outro lado, uma das forças do livro está nos modos como revela a riqueza e a dignidade humanas daquelas pessoas submetidas ao cerco da escassez inclemente. Como bem observou Lúcia Miguel-Pereira,¹ Graciliano foi capaz de mostrar

¹ Lúcia Miguel-Pereira: nascida em Barbacena (MG) e criada no Rio de Janeiro, foi, indis-

a “condição humana intangível e presente na criatura mais embrutecida”, a qual é complexa, nada tem de simples. Isto se verifica, por exemplo, nos dilemas e tormentos interiores de Fabiano e na relação entre compreensão do mundo e apreensão da linguagem pelos meninos. Digamos que para Graciliano as personagens miseráveis não se reduzem a seres unidimensionais, voltados apenas à sua sobrevivência, cuja vida interior não seja digna de nenhum registro. A proeza está na capacidade de construir personagens com complexidade apesar de ser débil a comunicação entre os viventes — debilidade que constitui uma das marcas do estado de destituição a que estes estão submetidos.

cutivelmente, uma das mais representativas do pensamento crítico brasileiro da primeira metade do século XX. Transformou-se em referência obrigatória do ensaísmo feminino. Seu itinerário foi interrompido drasticamente em 1959, quando, junto ao marido, o advogado Octavio Tarquinio de Sousa, morreu num acidente de avião. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Qual a especificidade de Graciliano Ramos em retratar o sofrimento humano pela fome?

João Roberto Maia - *Vidas secas* é tido como um dos romances brasileiros da seca nordestina. Isto é verdade até certo ponto – ou, dizendo de outro modo, trata-se de uma verificação que não pode desconsiderar certa especificidade desse livro na tradição de nossas narrativas que põem o foco no fenômeno da seca. Em livro recente sobre o romance de 30, Luís Bueno² apontou que, com a exceção do primeiro capítulo e apesar de as vidas serem secas, o ambiente em que se inserem e circulam os personagens

² Luís Bueno: professor no Departamento de Linguística Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal do Paraná. É mestre e doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas e autor de *Uma história do romance de 30* (São Paulo: Edusp, 2006). Foi diretor da Editora UFPR entre maio de 2002 e abril de 2007. (Nota da IHU On-Line)

não está sob a inclemência da seca. Por mais surpreendente que seja, segundo Bueno, “a maior parte do enredo se passa em tempos de fartura”. Portanto, ao colocar em pauta a fome e a opressão da família de retirantes, o que vem para o primeiro plano no romance não é a fatalidade da natureza. O sofrimento não está naturalizado nos ciclos da seca e da chuva, mas as razões de sua existência devem ser buscadas em fatores de ordem social e econômica.

IHU On-Line - Na obra de Graciliano Ramos, em especial *Vidas secas*, qual a importância do trabalho para a superação da miséria e da seca?

João Roberto Maia - Não consigo ver na obra de Graciliano um sentido positivo do trabalho como parece estar subentendido na pergunta. Na parte final de *Vidas secas*, os retirantes

alimentam a expectativa de uma vida melhor na cidade, de que certamente faz parte alguma nova atividade, outro tipo de trabalho para Fabiano, mas não se aponta necessariamente para a superação do estado de escassez. Para esclarecer melhor, lembremos que a interpretação mais freqüente do livro encarece o “círculo sem saída” em que se encerra a vida da família de sertanejos, a “eterna errância” que o primeiro e o último capítulos sugeririam, a “estrutura circular” a sinalizar o bloqueio à mudança para aquela gente. A meu ver, tudo isso está certo. No entanto, ao aludir à cidade grande, a que se vincula a esperança de Fabiano e sinha Vitória, o final do livro acena com a ampliação de horizonte das personagens, ao sonho de ir além da existência miserável de sempre. Por outro lado, a esperança é tênue, pois seu fundamento prático é muito frá-

Quem foi Graciliano Ramos

Graciliano Ramos de Oliveira (1892-1953) foi um escritor, romancista, cronista, contista, jornalista e memorialista brasileiro do século XX. Viveu seus primeiros anos em diversas cidades do Nordeste brasileiro. Terminando o segundo grau em Maceió, seguiu para o Rio de Janeiro, onde passou um tempo trabalhando como jornalista. Voltou para o Nordeste em setembro de 1915, fixando-se junto ao pai, que era comerciante em Palmeira dos Índios, Alagoas. Neste mesmo ano, casou-se com Maria Augusta de Barros, que morre em 1920, deixando-lhe quatro filhos. Foi eleito prefeito de Palmeira dos Índios em 1927, tomando posse no ano seguinte. Manter-se-ia no cargo por dois anos, renunciando a 10 de abril de 1930. Entre 1930 e 1936, viveu em Maceió, trabalhando como diretor da Imprensa Oficial e diretor da Instrução Pública do estado. Em 1934, havia publicado *São Bernardo*, e, quando se preparava para publicar o próximo livro, foi preso em decorrência do pânico insuflado por Getúlio Vargas após a Intentona Comunista de 1935. Com ajuda de amigos, entre os quais José Lins do Rego, conseguiu publicar *Angústia* (1936), considerada por muitos críticos como sua melhor obra. Foi libertado em janeiro de 1937. As experiências da cadeia, entretanto, ficariam gravadas em uma obra publicada postumamente, *Memórias do cárcere* (1953), relato franco dos desmandos e incoerências da ditadura a que estava submetido o Brasil. Em 1938, publicou *Vidas secas*. Em seguida, estabeleceu-se no Rio de Janeiro, como inspetor federal de ensino. Em 1945, ingressou no antigo Partido Comunista do Brasil - PCB (que nos anos

1960 dividiu-se em Partido Comunista Brasileiro - PCB - e Partido Comunista do Brasil - PCdoB), de orientação soviética e sob o comando de Luís Carlos Prestes; nos anos seguintes, realizaria algumas viagens a países europeus com sua segunda esposa, Heloísa Medeiros Ramos, retratadas no livro *Viagem* (1954). Ainda em 1945, publicou *Infância*, relato autobiográfico. Adoeceu gravemente em 1952. No começo de 1953, foi internado, mas acabaria falecendo em 20 de março de 1953, aos 60 anos, vítima de câncer do pulmão. O estilo formal de escrita e a caracterização do eu em constante conflito (até mesmo violento) com o mundo, a opressão e a dor seriam marcas de sua literatura.



Confira suas obras:

Caetés (1933); *São Bernardo* (1934); *Angústia* (1936); *Vidas secas* (1938); *A terra dos meninos pelados* (1939); *Brandão entre o mar e o amor* (1942); *Histórias de Alexandre* (1944); *Infância* (1945); *Histórias incompletas* (1946); *Insônia* (1947); *Memórias do cárcere*, póstuma (1953); *Viagem*, póstuma (1954); *Linhas tortas*, póstuma (1962); *Viventes das Alagoas*, póstuma (1962); *Alexandre e outros heróis*, póstuma (1962); *Cartas, póstuma* (1980); *O estribo de prata*, póstuma (1984); *Cartas a Heloísa*, póstuma (1992).

gil, o que não permite alijar o “círculo sem saída”, e torna irreal falar, na contracorrente da leitura consagrada, em encerramento otimista. Mas penso que esse remate tem certa ambigüidade, coloca-se entre a esperança e o bloqueio das circunstâncias.

O trabalho na literatura

Mas, por falar em trabalho, Graciliano ressaltou sua importância para a literatura. Ele criticou com vigor o déficit que via na literatura brasileira quanto à representação das condições materiais da existência. Num texto de 1945, “O fator econômico no romance brasileiro”, Graciliano aponta a quase completa ausência do processo social de criação e reprodução da riqueza nos romances de autores brasileiros, como se ninguém tivesse que ganhar a vida ou a labuta da maioria que a ganha não tivesse importância, como se a base material da vida não fosse assunto adequado à literatura e devesse estar, por definição, fora da alçada do romancista, ou ensejasse uma ordem de problemas “impuros” demais para merecerem tratamento literário. Tais apontamentos críticos não são motivados apenas pelo ânimo de apontar limites na produção literária brasileira. De modo conseqüente, são reparos que balizaram à criação artística do próprio Graciliano, cuja ficção, em sua maior e mais importante parte, já havia sido publicada àquela altura. Franklin de Oliveira³ afirma, a meu ver com razão, o relevo que o escritor alagoano “confere à luta pela subsistência, ao problema do trabalho, das relações de trabalho”. Um romance como *São Bernardo*,⁴ no qual a base material da vida está muito presente, dá a medida da importância que as posições críticas veiculadas no texto de 1945 tiveram para sua prática de ficcionista. Diga-se que a acuidade do tratamento que ele deu a tais problemas, em terreno literário, está ausente em

“A extrema redução da caracterização dos meninos retirantes, por exemplo, é um índice da situação desumanizadora em que vivem”

outros escritores que, na senda da literatura engajada, diferentemente de Graciliano, fizeram dos trabalhadores protagonistas de seus livros.

IHU On-Line - Qual a importância da literatura no sentido de denunciar a acumulação do capital e as contradições do projeto de modernização do país?

João Roberto Maia - Como sabemos todos, a literatura perde em força artística (e, portanto, torna-se menor) se a denúncia que houver nela for muito direta, unívoca, panfletária. A literatura tem grande poder de conhecimento e para colocar em causa os rumos do país, o estado do mundo, os descaminhos da experiência contemporânea, mas o faz com os recursos que lhe são próprios e bem diferentes, por exemplo, dos de um programa partidário. Dito isso, exponho a seguir um pequeno trecho de um programa de estudo que venho elaborando e vai ao encontro, com exemplos de autores e obras concretos, da questão proposta. Paulo Honório, de *São Bernardo*, passa de trabalhador alugado a proprietário e utiliza a propriedade para maximizar seu poder. Sua trajetória ascendente faz da violência e da intimidação recursos indispensáveis. A centralidade do personagem estampa um modo de agir que leva tudo de roldão para chegar a seus objetivos. Ele é o agente empreendedor, empenhado em levar adiante um projeto desenvolvimen-

tista. Entretanto, as contradições do processo de modernização capitalista no Brasil estão bem à mostra na trajetória de Honório, pois nela são inextricáveis força modernizadora e hábitos senhoriais. Sua ação encarna avanços consideráveis, mas se mantém vinculado ao padrão oligárquico antigo, à atitude senhorial. Sem reduzir o personagem à significação alegórica, digamos que ele é emblema da face brutal, com suas especificidades, do progresso brasileiro. Embora seja menos bárbara do que o enriquecimento de João Romão, de *O cortiço*, que se dá ainda num período de vigência da escravidão, a ascensão de Honório decorre de sua determinação obsessiva, do trabalho muito duro e da capacidade de deixar vítimas pelo caminho, três fatores que aproximam as trajetórias dos dois personagens. De modo bem mais discreto, esse perfil não é estranho a personagens de Machado de Assis⁵ que enriquecem. Em suma, um dos interesses de uma proposta de estudo que parta da comparação de três romancistas brasileiros de um ponto de vista de esquerda e tenha curso histórico considerável, na medida em que abarca parte do século XIX e do XX, é tentar compreender como a literatura se situa relativamente aos processos de acumulação do capital e às contradições que pululam no curso da modernização do país.

IHU On-Line - Qual a importância do realismo de Graciliano Ramos ao retratar a dor da fome no sentido de sensibilizar as pessoas para esse drama?

⁵ Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908): escritor brasileiro, considerado o pai do realismo no Brasil, escreveu obras importantes como *Memórias póstumas de Brás Cubas* (Rio de Janeiro: Ediouro, 1995), *Dom Casmurro* (Erechim: Edelbra, 1997), *Quincas Borba* (15. ed. São Paulo: Atica, 1998) e vários livros de contos, entre eles a obra-prima *O alienista* (32. ed. São Paulo: Ática, 1999), que discute a loucura. Também escreveu poesia e foi um ativo crítico literário, além de ser um dos criadores da crônica no país. Foi o fundador da Academia Brasileira de Letras. Confira a entrevista especial realizada pela IHU On-Line com Mailde Trípoli, em 20-04-2007, no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu), intitulada “O negro na obra de Machado de Assis”. No ano que registra o centenário da morte do escritor, a IHU On-Line dedicou a edição número 262 a Machado, com o título *Machado de Assis: um conhecedor da alma humana*. (Nota da IHU On-Line)

³ Franklin de Oliveira (1982): é ilustrador e quadrinista, na cidade de Fortaleza (CE). Atualmente, realiza trabalhos para o mercado publicitário e para diversas empresas no Estado, no ramo da ilustração e das histórias em quadrinhos. (Nota da IHU On-Line)

⁴ *São Bernardo*: romance escrito por Graciliano Ramos, publicado em 1934 e situado na segunda etapa do modernismo brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

“A literatura, além de ampliar o imaginário e dar prazer, refina nossa compreensão do mundo”

João Roberto Maia - No texto de uma palestra proferida no curso organizado em 1988 pela Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, que visava refletir sobre os direitos humanos em diferentes áreas do conhecimento, Antonio Candido⁶ afirmou que a literatura deve ser considerada como “direito universal” (“O direito à literatura”). O crítico destaca que, pela “fusão inextricável” de forma e conteúdo, de mensagem e estrutura organizada, as produções literárias podem enriquecer nossa percepção e visão de mundo. Para dar conta da relação proposta no referido curso, Candido não deixa de sublinhar que a literatura tem poder para ser “um instrumento consciente de desmascaramento” ao colocar na pauta situações de desrespeito aos direitos sociais, humanos, ou mesmo de ausência deles. E finaliza sinalizando que numa sociedade fundada na justiça a fruição da arte e da literatura deve ser garantida, para todos, como “um direito inalienável”. A literatura, além de ampliar o imaginário e dar prazer, refina nossa compreensão do mundo. Ela tem, portanto, uma dimensão de conhecimento que lhe é própria, proporciona conhecimento que não é óbvio, o qual não pode ser captado do mesmo modo pela experiência imediata ou mesmo pela mediação de outros discursos, tais como o historiográfico, o sociológico ou o psicanalítico. Nesse sentido, lembremos algumas formulações sobre a força das produções literárias e o tipo especial de conhecimento que proporcionam. Começemos pela famosa carta de Friedrich Engels⁷

⁶ Antonio Candido (1918): escritor, ensaísta, professor universitário e um dos principais críticos literários brasileiros. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷ Friedrich Engels (1820-1895): filósofo alemão que, junto com Karl Marx, fundou o cha-

a Laura Lafargue, de 13/12/1883, na qual o amigo do peito de Marx⁸ afirma que a leitura de Balzac⁹ lhe permitiu aprender mais sobre a história da França em certo período do que com todos os historiadores burgueses e pequeno-burgueses da época. Em *O que é a literatura*, Jean-Paul Sartre¹⁰ examina qual poderia ser o objetivo da literatura, verificando de saída “que o escritor decidiu desvendar o mundo e especialmente o homem para os outros homens”, pois, continua, “a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele”. Assim, várias passagens de *Vidas secas* nos tocam e nos fazem pensar sobre o problema da fome de modo diferente e certamente mais intenso do que se lêssemos um relato historiográfico sobre o assunto (embora eu não esteja defendendo aqui a superioridade da literatura sobre a historiografia, as quais cada vez mais se aproximam e se alimentam reciprocamente). A leitura do romance de Graciliano faria muito bem a muitos que hoje concebem a fome exclusivamente ou quase segundo dados estatísticos.

mado socialismo científico ou comunismo. Ele foi co-autor de diversas obras com Marx, e entre as quais se destaca o Manifesto Comunista. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸ Karl Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU. A palestra “A Utopia de um novo paradigma para a economia” foi proferida pela Profa. Dra. Leda Maria Paulani, em 23-06-2005. O número 41 dos *Caderno IHU Idéias* teve como título *A (anti) filosofia de Karl Marx*, com artigo da mesma professora. (Nota da *IHU On-Line*)

⁹ Honoré de Balzac (1799-1850): dramaturgo francês, autor do conjunto de romances *Comédia Humana*. Representante da transição na passagem do romantismo para o realismo, ele mistura aspectos das duas tendências. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁰ Jean-Paul Sartre (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance foi *A náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O ser e o nada* (1943). Sartre define o existencialismo, em seu ensaio “O existencialismo é um humanismo”, como a doutrina na qual, para o homem, “a existência precede a essência”. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da *IHU On-Line*)

CONFIRA A VERSÃO ELETRÔNICA DA
IHU ON-LINE
WWW.UNISINOS.BR/IHU

A fome expressa a natureza da desigualdade

O Brasil exhibe níveis de desigualdade social alarmantes frente ao seu potencial econômico e dinamismo produtivo, pensa a pesquisadora Rosana Magalhães

POR GRAZIELA WOLFART

Ao analisar os programas de transferência de renda no Brasil, a pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz Rosana Magalhães acredita que “tais programas enfrentam o desafio de não se tornarem uma ajuda e sim um direito social associado ao fortalecimento de novos horizontes para a maior inserção social”. Em entrevista concedida por e-mail para a IHU On-Line, ela ainda afirma que “outro dilema importante é garantir de fato a convergência de políticas sociais e, portanto, o maior acesso ao conjunto de bens e serviços coletivos”. Rosana acrescenta que “fome e pobreza não são sinônimos, embora sejam processos associados de maneira complexa e contraditória. A efetividade da renda na redução da insegurança alimentar, sabidamente importante para a compra de alimentos no mercado pelas famílias, só será plena se articulada a fortes investimentos em educação, promoção da saúde, inserção ocupacional, saneamento básico e acesso à terra”. Rosana Magalhães possui graduação em Nutrição, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrado em Saúde Pública, pela Fundação Oswaldo Cruz, e doutorado em Saúde Coletiva, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente, é pesquisadora Fundação Oswaldo Cruz. É autora de, entre outros, *Fome: Uma (re)leitura de Josué de Castro* (Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1997).



Divulgação

IHU On-Line - Quais as principais relações que podemos estabelecer entre pobreza, saúde e políticas públicas?

Rosana Magalhães - Na área da saúde, os temas da justiça, da equidade e do bem-estar têm orientado diversos estudos e pesquisas e há um razoável consenso em torno da idéia de que as necessidades de atenção e cuidado não são iguais. Sem dúvida, a análise das diferenças no comportamento dos fenômenos de saúde e doença segundo sexo, raça, gênero e idade tem sido objeto de inúmeros estudos epidemiológicos há décadas. No entanto, é mais recente a perspectiva de discriminação positiva no campo da saúde, no sentido de garantir mais direitos aos que têm maiores necessidades. Nesta abordagem, também ganha maior relevância o compromisso com a caracterização das iniquidades ou desigualdades injustas em saúde definidas enquanto problemas evitáveis, os quais, em geral, tendem a acompanhar as distân-

cias sociais existentes entre os indivíduos. Para Margareth Whitehead, “iniquidades em saúde referem-se a diferenças desnecessárias e evitáveis as quais são, ao mesmo tempo, consideradas injustas e indesejáveis. O termo iniquidade tem, assim, uma dimensão ética e social.” Se nem toda desigualdade em saúde é injusta, é importante qualificar melhor as iniquidades, ou seja, não só identificar as variações na situação de saúde, mas buscar correlacioná-las com o contexto e as condições sociais.

IHU On-Line - Como a senhora vê os programas de transferência condicionada de renda, tendo em vista o cenário da fome em nosso país? O que significa essa ajuda para as famílias que sofrem a fome em sua pior instância?

Rosana Magalhães - Os programas de renda mínima são transferências monetárias às famílias ou indivíduos, objetivando garantir um patamar mínimo

de satisfação das necessidades complementando ou substituindo outros programas sociais. As primeiras experiências de renda mínima surgem na Escócia em 1579 e depois na Inglaterra em 1795, a chamada Speemhamland, revogada com a revisão da Lei dos Pobres em 1834. Alguns países posteriormente vão instituir programas de renda mínima. Os EUA instituem em 1935 o Social Security Act, que inicialmente cobria mulheres viúvas com crianças menores. Na Grã Bretanha, surge, em 1948, o Income Support e, em 1964, Lyndon Johnson, nos EUA, cria o Food Stamps como forma de complementação de renda, pago em cupons que só poderiam ser gastos com alimentos. No entanto, o debate cresce no contexto de crise do Welfare State. A crise do Welfare redimensiona a questão na medida em que emprego gerando renda torna-se um equilíbrio não só cada vez mais instável como também improvável. No Brasil, tais programas en-

frentam o desafio de não se tornar uma ajuda e sim um direito social associado ao fortalecimento de novos horizontes para a maior inserção social. Além disso, outro dilema importante é garantir de fato a convergência de políticas sociais e, portanto, o maior acesso ao conjunto de bens e serviços coletivos. É preciso lembrar que fome e pobreza não são sinônimos, embora sejam processos associados de maneira complexa e contraditória. A efetividade da renda na redução da insegurança alimentar, sabidamente importante para a compra de alimentos no mercado pelas famílias, só será plena se articulada a fortes investimentos em educação, promoção da saúde, inserção ocupacional, saneamento básico e acesso à terra.

IHU On-Line - Que alternativas podemos vislumbrar para a superação da miséria, da fome e da redução de desigualdades sociais nos diferentes contextos sociais brasileiros?

Rosana Magalhães - Nosso país exibe níveis de desigualdade social (para além do aspecto da renda monetária) alarmantes frente ao nosso potencial econômico e dinamismo produtivo. O acesso à educação de maneira universal e com qualidade na maioria dos países democráticos modernos mostrou-se a pedra de toque do “turn over” equitativo. A recente pesquisa realizada pelo CEBRAP, “Demografia e Saúde”, mostrou que um dos fatores de maior repercussão na queda da desnutrição infantil foi a educação das mães. Esta é uma evidência inquestionável da relevância deste debate para a superação da fome e da miséria. Não basta, porém, as crianças estarem na escola; é preciso garantir qualidade e envolvimento das famílias com a vida escolar.

IHU On-Line - Qual a importância das obras *Geopolítica da fome*, de Josué de Castro, e *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, para pensar na problemática da fome e para sensibilizar as pessoas para esse drama?

Rosana Magalhães - Estes autores são verdadeiros “arautos” da nacionalidade brasileira. Latifúndio, escravidão, desigualdade e injustiça social nestas obras emergem como obstáculos ao bem estar e a democracia substantiva no país.

IHU On-Line - Qual a especificidade de Josué de Castro ao falar sobre a fome, o que lhe rendeu tanto sucesso e faz dele até hoje autor de referência sobre o tema?

Rosana Magalhães - Acredito que Josué de Castro pensou de maneira ampla a questão alimentar no Brasil a partir de sua formação sólida, tanto no campo da medicina como da geografia e da sociologia. Isto fez com que o autor rompesse fronteiras disciplinares artificiais e construiu uma análise robusta da fome como fenômeno social. As clássicas oposições e dualidades entre natureza e cultura, biológico e social, indivíduo e sociedade foram tensionadas e abriram, na obra do autor, ricas oportunidades de reflexão e pesquisa.

IHU On-Line - Como a senhora avalia as ações do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea)? Quais os limites para equacionar a fome no Brasil?

Rosana Magalhães - Trata-se de um espaço novo de mobilização e problematização da questão alimentar e nutricional onde os múltiplos atores sociais envolvidos na construção de políticas e programas na área podem forjar novos consensos e arranjos institucionais, capazes de enfrentar os diferentes problemas e desafios da área. Esta experiência estimulada pelos rumos da descentralização decisória e democratização do país após a década de 1980 deve ser fortalecida e ampliada.

IHU On-Line - Como está no Brasil, de modo geral, o descompasso entre as condições salariais e as necessidades alimentares dos trabalhadores? Qual o papel do Estado e das políticas de governo nesse sentido?

Rosana Magalhães - Sem dúvida, a máxima liberal de que o mercado é auto-regulado, justo, e qualquer interferência do Estado é prejudicial e acaba por gerar resultados perversos cada vez mais, é confrontada pela realidade contemporânea. O Estado tem um papel crucial na garantia de maior justiça social. Seu papel redistributivo é inegável. No entanto, frente à crise do trabalho e engessamento burocrático experimentados na maio-

ria das sociedades atuais, é preciso reconstruir esta intervenção estatal, repensar princípios e, sobretudo, investir em uma cultura de avaliação de resultados, processos e impactos dos programas sociais. Somente assumindo a importância da avaliação no âmbito das políticas públicas poderemos aprender com os erros e fazer melhores escolhas.

IHU On-Line - Em que sentido a fome está associada aos dilemas da construção da nação, do Estado e do desenvolvimento econômico e social do país?

Rosana Magalhães - Cada formação sociohistórica particular revela uma maneira de interpretar as interdependências e também as fronteiras entre os pobres e o restante da sociedade. O estatuto social dos pobres em cada época e em cada sociedade depende de como são tecidos, portanto, os laços sociais. A própria emergência da pobreza e também da desigualdade social está ligada a uma ruptura do padrão de coesão social tradicional. Ou seja, nem sempre a pobreza foi um problema a ser enfrentado. Pelo contrário, já foi algo desejável e natural. A pobreza é, portanto, um objeto sociológico *sui generis*. Simmel¹ vai dizer que a reflexão espontânea sobre a pobreza leva a pensar em definições sobre quem são os pobres, como vivem e analisar sua situação ao longo do tempo. Esta abordagem é insuficiente do ponto de vista sociológico. Para a sociologia colocar em termos binários as características dos pobres e do “resto da sociedade” é sempre arbitrário. O importante seria, assim, não estudar o pobre ou os famintos, mas a relação de proteção e assistência entre grupos que vivem numa sociedade. Ou seja, a fome, enquanto fenômeno social que ultrapassa a privação de nutrientes, expressa a natureza da desigualdade, o perfil do Estado e as expectativas em relação ao desenvolvimento no país.

¹ Georg Simmel (1858-1918): foi um sociólogo alemão. Professor universitário admirado pelos seus alunos, sempre teve dificuldade em encontrar um lugar no seio da rígida academia do seu tempo. (Nota da IHU On-Line)

O alimento tornou-se uma mera mercadoria

O pesquisador do Ibase Francisco Menezes pergunta: que sistema é esse que não comporta que as pessoas se alimentem de forma suficiente?

POR GRAZIELA WOLFART

Em entrevista concedida por e-mail para a **IHU On-Line**, Francisco Menezes, diretor do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), anuncia: “O mundo se depara, nesse momento, com um enorme desafio. O sistema de produção e consumo alimentar é insustentável econômica, social e ambientalmente”. Para ele, “a raiz do problema está no fato do alimento ter se transformado em mera mercadoria”. No entanto, Francisco sugere uma solução. “Mudar esse quadro somente será possível com o convencimento de governos e sociedades que alimento é um direito de todos.” Francisco Menezes é também membro do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea), do qual já foi presidente, e fundador e coordenador do Fórum Brasileiro de Segurança Alimentar e Nutricional (FBSAN). É economista, com mestrado em Desenvolvimento Rural pelo Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

IHU On-Line - Como entender que a desnutrição calórico-protéica do brasileiro reduz-se ao mesmo tempo em que se acentua o crescimento da obesidade em todas as categorias de renda?

Francisco Menezes - A desnutrição calórico-protéica vem se reduzindo desde a década de 1990 e, mais recentemente, essa tendência se acentuou. Isto se deu por uma série de fatores combinados, entre os quais podemos citar o barateamento relativo dos alimentos; a melhoria do acesso à renda entre os mais pobres; maior acesso à informação; disponibilidade de políticas públicas destinadas aos grupos socialmente mais vulneráveis, entre outros. Mas, ao mesmo tempo, passou-se a observar, também no Brasil, um fenômeno que já se mostrava preocupante em outras partes do mundo, com destaque para os Estados Unidos, ou seja, o crescimento do sobrepeso e da obesidade. No presente, esse problema se registra, sobretudo, entre as camadas sociais com baixa renda. Mais uma vez, são vários fatores com-

binados determinando essa tendência. Mas alguns têm maior importância: os alimentos de maior densidade calórica são geralmente mais baratos. Cada vez se oferece mais refrigerantes, biscoitos e outros produtos de quase nenhum valor nutricional, mas com quantidade de açúcar elevada. A meu ver, a maior parte da população adulta sabe o que é uma alimentação mais saudável e a menos saudável. Porém, é muito forte a necessidade de consumir uma alimentação com “substância”, que dê “sustentação”, como é falado. Iniciativas de educação alimentar precisam começar a trabalhar esses aspectos.

IHU On-Line - Quais os principais desafios em relação à segurança alimentar e nutricional no mundo?

Francisco Menezes - O mundo se depara, nesse momento, com um enorme desafio. O sistema de produção e consumo alimentar é insustentável econômica, social e ambientalmente. A raiz do problema está no fato do alimento ter se transformado em mera

mercadoria. Mudar esse quadro somente será possível quando governos e sociedades se convencerem de que o alimento é um direito de todos.

IHU On-Line - Como entender a crise dos alimentos? Os biocombustíveis contribuem para isso?

Francisco Menezes - A crise dos alimentos revela a insustentabilidade desse sistema. E ela ocorre por conta de uma visão que só enxerga o lucro, a partir dos alimentos. Foi resultado de diversos fatores: a especulação com alimentos transformados em títulos de bolsas de mercadorias; a expansão brutal da produção de etanol a partir do milho realizada pelos Estados Unidos; a alta do preço do petróleo, com os desdobramentos sobre os preços dos insumos químicos e do transporte dos alimentos; os problemas climáticos resultantes do aquecimento do Planeta e a incapacidade dos países estabelecerem regras justas e adequadas para a comercialização dos alimentos. Agora, não me venham falar que os chineses, indianos e brasileiros é que causaram a crise, pois estão co-

“A crise dos alimentos revela a insustentabilidade desse sistema”

mendo mais. Que sistema é esse que não comporta que as pessoas se alimentem de forma suficiente?

IHU On-Line - O que é preciso ser feito para que a alimentação seja considerada um direito e não uma mercadoria?

Francisco Menezes - Em primeiro lugar, é preciso que se adquira a consciência desse direito, que deve ser garantido por políticas públicas, como obrigação do Estado. Mas é necessário, também, que se construa toda uma regulamentação de forma tal que qualquer indivíduo, sem dificuldades, possa cobrar esse direito. No Brasil, já temos a Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional, toda ela baseada no princípio da alimentação adequada. Falta agora a regulamentação que dê condições de exigibilidade desse direito.

IHU On-Line - Como o senhor construiria o mapa da fome no Brasil de hoje? Quais os números em relação à fome que mais assombam?

Francisco Menezes - Em primeiro lugar, precisamos reconhecer que o país está fazendo extraordinários avanços na luta contra a fome, nos últimos cinco anos. Isto não quer dizer que o problema foi solucionado. Ele ainda atinge um grande número de pessoas e, enquanto houver um brasileiro sem ter seu direito à alimentação garantido, não podemos sossegar. Em pesquisa do Ibase, avaliando as condições de segurança alimentar do público do Bolsa Família, no momento em que os preços dos alimentos começavam a subir, chegamos a 11,5 milhões de pessoas vulneráveis à fome. Ela ainda é mais forte no Nordeste rural, mas aparecem bolsões de miséria, onde a fome pode ocorrer, em todas as regiões do país.

IHU On-Line - Que relação podemos estabelecer entre o alimento, a so-

berania de um povo e a dignidade um ser humano?

Francisco Menezes - Provavelmente, a maior ameaça à soberania de um povo ocorre quando este tem sua capacidade de alimentação comprometida. Então, fica-se frágil para ceder a qualquer coisa. E nossa dignidade vai embora. Por isso que a soberania alimentar é estratégica para todos os países.

IHU On-Line - Qual a importância de resgatar a memória de Josué de Castro? Em que sentido o senhor acha importante revelar a realidade da fome, como ele fez?

Francisco Menezes - Josué de Castro foi um visionário, que deixou uma imensa contribuição não só para o Brasil, mas para todo o mundo. Precisaria de muito espaço e tempo para falar dele. Mas resumo essa contribuição no que me parece chave, em toda sua obra: a denúncia de que a fome é obra dos próprios homens, desmistificando a idéia de que, como uma fatalidade, as pessoas estariam fadadas a viver com ela.

IHU On-Line - O senhor acredita que o Brasil, com suas atuais políticas públicas, está conseguindo aliar crescimento econômico e redução da desigualdade?

Francisco Menezes - Acabam de sair os dados da Pesquisa Nacional por Amostra por Domicílio (PNAD), do IBGE, que confirma isso. É um fato raro ocorrer crescimento com redução de desigualdade, mas as políticas de transferência de renda, de estímulo ao trabalho formal, além da melhoria educacional do trabalhador brasileiro, estão levando a esses resultados alvissareiros. Uma das medidas que devem seguir essas conquistas é a construção de condições para que os mais pobres possam ingressar no mercado de trabalho ou obterem renda a partir de seus próprios empreendimentos.

CONFIRA AS NOTÍCIAS DO DIA
NO SÍTIO DO IHU
WWW.UNISINOS.BR/IHU



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Brasil em Foco

Brasil será atingido pela crise mundial

Turbulência no mercado financeiro irá afetar a economia real, mas não há risco de recessão econômica, assegura André Filipe Zago de Azevedo

POR PATRICIA FACHIN

A economia mundial enfrenta dois problemas sérios: “menor ritmo de crescimento econômico, especialmente das economias desenvolvidas” e “o aumento da inflação devido ao incremento dos preços das *commodities* agrícolas e minerais, impulsionados pela manutenção de elevadas taxas de crescimento nos países asiáticos”. A avaliação é do economista e professor da Unisinos André Filipe Zago de Azevedo.

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o economista afirma que, embora o mercado financeiro tenha sido alvo de inseguranças e turbulências, não há motivos para pânico. Segundo ele, a desaceleração das grandes economias “pode contribuir para aliviar o segundo problema”, ou seja, “o aumento de preços das *commodities*, reduzindo a pressão da demanda sobre alimentos e petróleo”. Em breve avaliação do cenário latino-americano, Azevedo garante que o Brasil também será afetado pela crise. “Os países latino-americanos irão sofrer devido redução dos preços das *commodities* agrícolas e minerais, que já está ocorrendo. Como boa parte de suas exportações consiste desses produtos, o valor de suas exportações será afetado pela crise”.

Azevedo é graduado e mestre em Economia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e doutor em Economia, pela University of Sussex, Inglaterra. É coordenador do Programa de Pós-Graduação em Economia na Unisinos.

IHU On-Line - Como podemos compreender a crise no sistema financeiro internacional?

André Filipe Zago de Azevedo - Ela é resultado, em grande parte, da crise surgida no mercado imobiliário norte-americano, no ano passado. A crise surgiu no mercado de crédito chamado de *subprime*,¹ quando a inadimplência cresceu significativamente. As causas deste crescimento da inadimplência estão associadas a três fatores principais: 1) elevação da taxa básica de juros nos EUA (80% dos emprésti-

mos *subprime* estão atrelados a taxas flutuantes); 2) queda dos preços dos imóveis a partir de 2006, com a consequente redução do efeito-riqueza; 3) regulação ineficiente do sistema de crédito imobiliário, especialmente no mercado *subprime*.

IHU On-Line - Além da crise financeira americana, que outros motivos têm contribuído para a insegurança do sistema financeiro internacional?

André Filipe Zago de Azevedo - A economia mundial vem enfrentando dois problemas sérios, atualmente. O primeiro se refere ao menor ritmo de crescimento econômico, espe-

cialmente das economias desenvolvidas, provocado justamente pela crise imobiliária norte-americana que teve início ainda em 2007, afetando o sistema financeiro e comprometendo o crescimento do consumo e investimento na maior parte dos países desenvolvidos. O segundo está relacionado ao aumento da inflação devido ao incremento dos preços das *commodities* agrícolas e minerais, impulsionados pela manutenção de elevadas taxas de crescimento nos países asiáticos, que continuam a pressionar a demanda por esses produtos. Um efeito positivo da redução do ritmo de crescimento das econo-

¹ O crédito *subprime* é concedido a pessoas que apresentam um histórico de dificuldades de pagamentos nos EUA. (Nota do entrevistado)

mias avançadas é que ele pode estar contribuindo para aliviar o segundo problema mencionado, relacionado ao aumento de preços das *commodities*, reduzindo a pressão da demanda sobre alimentos e petróleo.

IHU On-Line - O que explica uma crise internacional como essa? A crise poderia ou devia ter sido prevista com antecedência?

André Filipe Zago de Azevedo - A crise se propagou porque os bancos e financeiras norte-americanos emprestaram o dinheiro das hipotecas do tipo *subprime* e transformaram este crédito em títulos que venderam a investidores. Vários investidores (nacionais e internacionais) se dispuseram a comprar estes títulos de maior risco, pois pagavam uma taxa de juros mais elevada. Na medida em que houve o crescimento da inadimplência dos empréstimos *subprime* no mercado imobiliário, isto levou a um efeito cascata, levando os bancos a não pagarem os títulos, gerando uma crise de liquidez que se espalhou para todo o sistema financeiro internacional.

IHU On-Line - Essa crise no setor financeiro pode gerar uma crise na economia real?

André Filipe Zago de Azevedo - Sim, especialmente nos países desenvolvidos, como EUA, Japão e os componentes da União Européia. Mas a crise se define como uma desaceleração do crescimento econômico e não como uma depressão econômica.

IHU On-Line - É possível isolar a economia real das conseqüências da instabilidade financeira?

André Filipe Zago de Azevedo - Isolar não, mas é possível amenizar seus efeitos na economia real, mantendo as taxas de juros nos patamares atuais (historicamente baixos nos EUA, União Européia e Japão) e promovendo ações coordenadas dos Bancos Centrais dos EUA, Europa e Japão para garantir liquidez ao sistema financeiro, como já está ocorrendo.

IHU On-Line - A crise nos EUA iniciou com o sistema imobiliário, afetou o sistema bancário e agora parece es-

tar atingindo as seguradoras. O mundo corre o risco de viver uma crise sistêmica, ou isso já está acontecendo? Vamos assistir à quebra em cadeia de algumas instituições?

André Filipe Zago de Azevedo - Aquelas instituições mais expostas ao risco, especialmente aqueles que haviam investido fortemente em títulos ligados ao mercado *subprime*, já quebraram ou estão passando por dificuldades. No entanto, as medidas acima mencionadas devem evitar que ocorra uma crise sistêmica.

“O que deve haver é uma redução do ritmo do crescimento em algumas nações desenvolvidas, uma ou outra entrando em recessão, mas jamais uma depressão econômica generalizada como aquela de 1929”

IHU On-Line - Como o senhor percebe a atuação do Fed de injetar U\$ 85 bilhões para salvar a seguradora American International Group (AIG)? O governo pode estabilizar o sistema financeiro?

André Filipe Zago de Azevedo - O Fed parece estar agindo baseado em um critério: o de minimizar o efeito multiplicador da crise. Ou seja, aquelas instituições que a falência traria problemas para muitas outras estão sen-

do ajudadas e outras, onde o impacto seria mais limitado, não.

IHU On-Line - Essa crise pode ser comparada a de 29? Diferente do que ocorreu à época, hoje é possível atenuar a crise e corrigir seus efeitos?

André Filipe Zago de Azevedo - Em hipótese alguma. Aquela crise gerou uma queda de 25% do PIB e do emprego nos EUA. É impensável que isto ocorra nos dias de hoje, com todo o conhecimento que se tem sobre política monetária. Além disso, o próprio Presidente do Fed é um acadêmico com grande conhecimento das causas da crise de 1929. Portanto, não há riscos que haja algo sequer parecido com aquela crise. O que deve haver é uma redução do ritmo do crescimento em algumas nações desenvolvidas, uma ou outra entrando em recessão, mas jamais uma depressão econômica generalizada como aquela de 1929.

IHU On-Line - Alguns especialistas dizem que essa é a pior crise dos últimos 70 anos. Quais são os impactos dela para a economia latino-americana?

André Filipe Zago de Azevedo - Depende para quem. Para as empresas que pediram concordata, como o Lehman Brothers, que havia investido fortemente em títulos ligados ao mercado *subprime*, sem dúvida essa foi a maior crise dos últimos 70 (o banco foi fundado em 1850). Mas não se pode nem se deve generalizar. Os países latino-americanos irão sofrer devido à redução dos preços das *commodities* agrícolas e minerais, que já está ocorrendo. Como boa parte de suas exportações consiste desses produtos, o valor de suas exportações será afetado pela crise.

IHU On-Line - Que lições essa crise pode trazer para as instituições financeiras e para os governos?

André Filipe Zago de Azevedo - Uma regulação mais rígida em determinados mercados, especialmente o *subprime* nos EUA pelo governo, e um cuidado maior na concessão de empréstimos, especialmente quando há um excesso de liquidez no sistema.

Entrevista da Semana

A autonomia é uma ilusão

Estímulos exteriores ao ser humano exercem força persuasiva em nossas ações, e paradoxalmente nos faz pensar que somos autônomos. A saída para esse imperialismo epistêmico passa pela controvérsia, pondera o filósofo brasileiro Marcelo Dascal

POR MÁRCIA JUNGES

Momentos antes de proferir a aula inaugural do curso de Filosofia da Unisinos, o Prof. Dr. Marcelo Dascal conversou pessoalmente com a revista **IHU On-Line**. Viabilizada pela Profa. Dra. Anna Carolina Krebs Pereira Regner, a entrevista com o filósofo brasileiro radicado em Israel adianta alguns dos aspectos que discutirá em 22 de outubro no IHU Idéias, evento promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU, cujo tema é *Globalização: descolonização ou colonização das mentes?*. As declarações foram sérias, e nada reconfortantes: a autonomia é uma ilusão. Com seu jeito pausado de falar, o pensador assegura que as sociedades contemporâneas vivem sob o jugo de um novo imperialismo, o epistêmico. Nos pensamos autônomos, sujeitos de nossos atos e escolhas, mas essa é uma ilusão. “O mundo está repleto de pessoas sequiosas de controlar as mentes que estão ‘soltas’. Estamos tão acostumados a isso que temos a impressão de que a sociedade não funcionaria sem essas imposições”. Segundo Dascal, somos bombardeados por uma massa de estímulos auditivos e visuais, e por isso questiona como é possível pensar autonomamente: “Seu pensamento está sendo controlado de fora, virtualmente determinado por estímulos exteriores. Esses estímulos dizem a você o que fazer”. Para ele, “vivemos numa ilusão de autonomia que não se coaduna com o fato de que a maioria dos nossos pensamentos, preferências e desejos são determinados socialmente por forças alheias a nós. Assim, a idéia de autonomia é um paradoxo, uma ilusão”. A solução dascaliana para burlar o imperialismo epistêmico, saindo da situação de colonização permanente de nossas mentes passa pela controvérsia: devemos “fomentar nossa capacidade natural de não estar de acordo”. E é justamente pela controvérsia, um de seus focos principais na pesquisa acadêmica, junto da pragmática, que Dascal é internacionalmente conhecido.

Graduado em Filosofia e em Engenharia Elétrica, pela Universidade de São Paulo (USP), estudou Lingüística e Epistemologia em Aix-em-Provence, na França. É doutor em Filosofia pela Universidade de Jerusalém, com a tese *Aspectos da semiótica de Leibniz*. Desde 1967, leciona na Universidade de Tel Aviv, e é professor visitante de mais de uma dezena de universidades mundo afora. De suas obras, citamos *Leibniz's Semiotics* (Paris: Aubier Montaigne, 1978), *Pragmatics and the philosophy of mind – Volume 1: Thought in language* (Amsterdam: John Benjamins, 1983) e *Interpretação e compreensão* (São Leopoldo: Unisinos, 2006).

IHU On-Line - Qual é a sua definição para imperialismo epistêmico?

Marcelo Dascal - Imperialismo epistêmico é impor ou transferir para outras pessoas ou grupos uma determinada forma de pensar que é a forma de pensar de outro grupo. *Episteme*, em grego, significa saber. Cada comunidade ou cultura humana tem seus conteúdos de saber, mas, principalmente, seus métodos de obtenção para chegar ao saber, ao conhecimento. O método de saber ou conhecer não é universal. Muitas vezes se procura transferir e impor aos outros um método de saber sob o pretexto de que ele é universal. Desse ponto de vista, os outros, que têm formas diferentes de chegar ao saber e descobrir coisas, estão errados. Isso é imperialismo epistêmico.

IHU On-Line - Quais são as principais manifestações desse imperialismo epistêmico, responsável pela colonização das mentes?

Marcelo Dascal - Para dar um exemplo bem próximo, eu mencionaria o sistema de educação. Acredita-se que alguém possui o saber e que tem direito, e até mesmo o dever de transmiti-lo aos demais. Entretanto, a questão de se realmente essa pessoa que acredita que possui o saber realmente o possui, e, mais, que tem o direito de impô-lo ou transmiti-lo aos demais é questionável. O sistema educativo está construído, na maior parte das vezes, com base no pressuposto que há alguém que possui o método certo, forma professores, educa as crianças e jovens fixando os currículos da educação. Nessa lógica, há alguém que sabe, e alguém que não sabe. É um poder muito forte de impor aos outros idéias, formas de pensar e, conseqüentemente, formas de agir, se comportar. O que estou dizendo é forte, tenho consciência disso. Mas ainda antes das instituições escolares quem faz esse trabalho é os pais, a família. Supõe-se que uma criança não sabe de nada, e os pais é que devem transmitir a ela o saber, bem como as coisas básicas para a vida. Mas será que é assim mesmo?

IHU On-Line - Quem ou o quê tem o controle dessa colonização das mentes do ponto de vista político e eco-

nômico? No caso de Israel, país onde o senhor vive há décadas, como o senhor identificaria esse imperialismo?

Marcelo Dascal - O imperialismo epistêmico existe em todos os países e culturas, e não apenas em um deles, em específico. Sempre há pessoas que reconhecem o valor em termos de poder político e econômico de impor nas mentes das pessoas valores, crenças, opiniões que são as suas. No caso de um produto, se você consegue fazer as pessoas acreditarem que ele é útil e melhor do que outro, pagando por ele, esse é um ganho importante. A lógica do sistema econômico é baseada nessas tentativas de, mais do que convencer, fazer com que as pessoas acreditem, de uma forma ou de outra, que elas precisam de coisas que, na maior parte das vezes, não precisam.

“Vivemos numa ilusão de autonomia que não se coaduna com o fato de que a maioria dos nossos pensamentos, preferências e desejos são determinados socialmente por forças alheias a nós”

IHU On-Line - O senhor se refere à criação de necessidades fomentada, sobretudo, pela publicidade?

Marcelo Dascal - Sim, exatamente. O mundo está repleto de pessoas sequiosas de controlar as mentes que estão “soltas”. Estamos tão acostumados a isso que temos a impressão de que a sociedade não funcionaria sem essas imposições. Esse afã consumista, por exemplo, faz parte do jogo.

IHU On-Line - O homem contemporâneo se pensa muito livre e capaz

de fazer o que quiser. A partir do conceito de imperialismo epistêmico que o senhor menciona, como é possível conciliarmos autonomia do sujeito frente a esse quadro de colonização em diferentes aspectos? Não lhe parece um paradoxo?

Marcelo Dascal - A palavra certa é exatamente essa: um paradoxo. Como um homem que tenha sua mente colonizada de tantas formas e por tantos meios e agentes pode ser autônomo? Vindo para a Unisinos, de Porto Alegre, havia um congestionamento na estrada por causa da chuva. Ao entrar no carro, ligamos o rádio e dessa vez ouvimos outra “chuva” de notícias e propagandas. Isso nos parece perfeitamente natural. Depois das notícias vêm os comerciais, que sustentam a fábrica de notícias. Tudo isso nos bombardeia constantemente. É difícil desligar o rádio, a TV. Há pessoas que deixam a TV ligada o dia inteiro. Nessas condições, bombardeado por tantos estímulos auditivos e visuais (para onde você olha há *outdoors*), como é que você pode pensar autonomamente? Seu pensamento está sendo controlado de fora, virtualmente determinado por estímulos exteriores. Esses estímulos dizem a você o que fazer.

IHU On-Line - Então o senhor acredita que a autonomia é uma falácia?

Marcelo Dascal - A autonomia é uma ilusão. O que acontece na história da humanidade é muito curioso. Nas sociedades tribais antigas, havia uma grande medida de imposição aos indivíduos do grupo dizendo o que cada um devia fazer. Cada um tinha sua posição definida dentro do grupo, sabia-se o que era permitido e proibido fazer. Os limites eram claros, mas fortes. Nessa época nem se falava na noção de autonomia. Desde o seu nascimento, a pessoa já pertencia a um clã e seu futuro, desenvolvimento, ações e posição social estavam definidos de antemão. Não havia a ilusão de autonomia. O indivíduo não tinha escolha. Com a evolução da sociedade mais aberta e a mobilidade dos indivíduos, com a possibilidade de se escolher com que casar a partir de suas próprias tendências e sentimentos, com a chance de escolher sua profissão, lugar onde viver,

lugares para conhecer, comprar livros ou usar a internet, temos a impressão de que somos livres, de que podemos escolher. Hoje, parece que a vida tem um curso aberto e que os indivíduos determinam, escolhem esse curso. Em inglês, há uma palavra bem específica para isso: *bullshit*. Tente localizar as pessoas que realmente são autônomas nesse sentido, que agem em função de algo que vem de dentro delas, de suas concepções. Não estou dizendo que não existem estímulos que vêm de dentro, de sensações, preferências, tendências. Mas em que medida essas preferências e tendências influenciam e são o fator determinante sobre seus atos? Em segundo lugar, em que medida suas idéias vêm realmente de dentro, e não de imposições externas que dizem o que fazer, que já viraram uma espécie de segunda natureza?

O paradoxo da autonomia

Vivemos numa ilusão de autonomia que não se coaduna com o fato de que a maioria dos nossos pensamentos, preferências e desejos são determinados socialmente por forças alheias a nós. Assim, a idéia de autonomia é um paradoxo, uma ilusão. Pelo menos as sociedades mais antigas (não digo primitivas, porque deveríamos perguntar, em última instância, quem é mais primitivo, nós ou elas) não viviam nessa ilusão. As sociedades modernas criaram o conceito de autonomia, inventaram-no.

Popper¹ escreveu um livro chamado *Sociedade aberta e seus inimigos* (Lisboa: Editorial Fragmentos, 1993), no qual ele contrasta as sociedades tribais fechadas, nas quais não havia liberdade, a essa autonomia dos indivíduos do nosso tempo das sociedades abertas. Falo no sentido de uma crítica a esse conceito de uma sociedade aberta, democrática. Antes de Popper quem falou autonomia como um ideal foi Kant.² Naquela época havia, real-

mente, o ideal de autonomia. Mas, se nós realmente realizamos esse ideal, aí já é outra história.

IHU On-Line - Nesse sentido, o homem contemporâneo perdeu o senso crítico, está massificado? Por que isso está acontecendo? Não há como se desvencilhar desse mecanismo que coloniza nossas mentes?

Marcelo Dascal - Esse é o grande problema. Os termos colonização e descolonização são tomados do fenômeno político do colonialismo e a luta pela libertação das nações subjugadas pelas potências. O episódio colonialista mais recente e de grande amplitude é o que aconteceu com a África. As potências coloniais que controlavam toda a África e a dividiram em fragmentos de forma totalmente arbitrária, pois não correspondiam às formas naturais das diferentes nações, foram contestadas de uma forma política. E a maioria das nações africanas se livrou, pelo menos politicamente, do jugo das nações coloniais. É interessante observar, contudo, o que se passou depois da libertação política formal. Outra forma de colonização, então, se estabeleceu: a colonização das mentes. Os países libertos adotaram, em larga escala, os valores, formas de pensar e organização política dos países colonizadores. Então, em que medida podemos falar sobre descolonização? Nesse caso, estava se tentando imitar não apenas a forma de comportamento, mas os desejos, ideais, escala de valores importados. Há pessoas, nesses países, que percebem isso muito bem. Então, elas procuram reencontrar, reconstruir e salvar os valores tradicionais que, com a colonização, foram suprimidos e colocados de lado.

tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*. Os *Cadernos IHU em formação* estão disponíveis para *download* na página www.unisinos.br/ihu do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamamos *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si (*noumenon*) não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. (Nota da IHU On-Line)

Entretanto, em muitas circunstâncias, se cria no indivíduo africano uma espécie de esquizofrenia, porque não é garantido que aqueles valores tidos como tradicionais são compatíveis com os novos valores. Por isso há conflitos.

Há, contudo, um problema ainda mais grave, e que tem um interesse filosófico e prático muito grande, que é o fato de que o processo de reconstrução dos valores antigos e da sua transformação em valores dominantes é também um processo de colonização das mentes, uma imposição de valores que alguém na sociedade entende como corretos e preponderantes sobre os outros. Por que acreditar que os valores antigos, tribais, seriam melhores do que os impostos agora? Quais são os critérios de comparação entre diferentes formas de pensar para dizer que essa forma é melhor do que aquela?

Na África, uma pessoa que anda pela rua usando roupas ocidentais, e não as africanas antigas, reconstituídas ou reinventadas, é suspeito de ser agente de idéias erradas. Onde fica a autonomia, aí? Se nós realmente tivéssemos autonomia, não haveria uma pressão social que nos obrigasse a suprimir nosso ponto de vista.

IHU On-Line - Em sua fala aqui na Unisinos, o senhor aponta direções para superar, ou ao menos contornar, os paradoxos conceituais e práticos que estão por trás do imperialismo epistêmico. Que direções seriam essas? Elas passam pela pragmática e pela controvérsia?

Marcelo Dascal - É preciso reconhecer o valor da discussão, da controvérsia, do desacordo, e não do acordo. Há muita ênfase sobre o acordo, a uniformidade do comportamento e das idéias. Existe uma pressão imensa sobre a uniformidade social, uma tentativa constante de convencer as pessoas, forçá-las a agir e pensar de certas formas desejáveis. Se houvesse essa uniformidade de uma maneira total, não haveria nenhum desenvolvimento do pensamento humano, nenhum progresso. Estaríamos na situação das sociedades tribais. Para sair dessa situação de colonização permanente das nossas mentes, devemos fomentar nossa capacidade natural de não estar de acordo.

Livro da Semana

O que faremos com nossos ódios?

POR MARIO FLEIG

Nesta semana, a IHU On-Line debate *O futuro do ódio* (Porto Alegre: CMC, 2008), de Jean-Pierre Lebrun, psicanalista francês. Para uma introdução ao seu pensamento, publicamos, a seguir, a apresentação da obra em português, realizada pelo também psicanalista Mario Fleig. Após esse texto, cujos subtítulos e adaptação são nossos, publicamos uma entrevista exclusiva, com Lebrun, que com suas próprias palavras explica as nuances desse fenômeno tão comum em nossos dias.

Fleig é professor do curso de pós-graduação em Filosofia da Unisinos e membro da Associação Lacaniana Internacional. Graduado em Psicologia, pela Unisinos, e em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, é mestre em Filosofia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), doutor em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e pós-doutor em Ética e Psicanálise, pela Université de Paris XIII (Paris-Nord), França. É autor de, entre outros, *O desejo perverso* (Porto Alegre: CMC Editora, 2008).

Devemos a Hegel¹ a evidência de que o encontro com o outro é sempre violento e perturbador, seja no cotidiano, seja na aproximação entre culturas diversas. Ele também nos inicia na investigação dos efeitos do encontro com a alteridade, que determinaria as figuras das formações culturais. Esse encontro, em sua diversidade e particularidade, é o que está na base tanto da estruturação de um sujeito como do fato social.

Jean-Pierre Lebrun, em *O futuro do ódio*, nos convida a retomar a questão do ódio em razão da afirmação de

Freud² de que o ódio seria mais originário do que o amor. Lacan³ esclarece

2 Sigmund Freud (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a idéia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias, e seu tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 170 da IHU On-Line, de 8-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, e a edição 207, de 04-12-2006 o tema de capa *Freud e a religião*. A edição 16 dos *Cadernos IHU em formação* tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*. Todos os materiais estão disponíveis para download no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

3 Jacques Lacan (1901-1981): psicanalista francês. Lacan fez uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor (descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas esta é apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. Sobre ele, consulte a edição 267 da Revista IHU On-Line, de 04-08-2008, intitulada *A função do pai, hoje. Uma leitura*

que o motivo fundamental dessa precedência deve-se ao fato que o ódio é sempre primeiramente o ódio contra o Simbólico, que se instaura com um furo na consistência narcísica.

Lebrun se interroga sobre a especificidade das modalidades de ódio na pós-modernidade e nos apresenta suas hipóteses sobre as novas formas clínicas. Estas aparecem na particularidade do trabalho clínico e no discurso social, que vão desde os fracassos escolares até as toxicomanias, passando pelas crianças hipercinéticas, por todo tipo de adições, dos curtos-circuitos na elaboração psíquica com uma frequência cada vez maior das passagens ao ato, e encontram em renovadas modalidades de ódio os articuladores de uma nova economia psíquica. Ele discute suas hipóteses com dois interlocutores qualificados: Jean de Munk e Dany-Robert Dufour.⁴

O futuro do ódio poderia ser lido

de Lacan. (Nota da IHU On-Line)

4 Dany-Robert Dufour: filósofo, professor na Universidade de Paris-VIII. Diretor de programa no Collège international de philosophie (Colégio Internacional de Filosofia), Paris. (Nota da IHU On-Line)

1 Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. Sobre Hegel, confira a edição especial nº 217, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Sobre Hegel, confira, ainda, a edição 261 da IHU On-Line, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*. (Nota da IHU On-Line)

à luz de *O futuro de uma ilusão*, de Freud, perguntando-nos, depois de cinquenta anos, se as análises de Lebrun dão conta das mudanças subjetivas e sociais que aconteceram nesse intervalo. Freud afirma, na introdução da obra de 1927, que a civilização abarca, de um lado, todo saber e capacidade que os homens adquiriram para dominar as forças da natureza e utilizá-la em benefício próprio e, de outro lado, todas as normas necessárias para regular os vínculos recíprocos entre os homens. Essas duas direções não se dão separadamente, mas antes se determinam reciprocamente, pois o laço social é profundamente influenciado pela satisfação pulsional que os bens existentes podem proporcionar. Além disso, o ser humano pode ser tomado pelo outro como um objeto a ser usado e explorado, tanto como força de trabalho quanto como objeto de gozo sexual. E finalmente, e aqui está o ponto específico que interessa a Lebrun, todo indivíduo, afirma Freud, “é virtualmente um inimigo da civilização”, e “a civilização deve ser protegida contra os indivíduos, e suas normas, instituições e mandamentos cumprem essa tarefa”.

Homem, inimigo da civilização

Então, o que é o ódio e por que o indivíduo se torna um inimigo da civilização? E por que voltarmos a falar do ódio na atualidade?

Aqui começa a ficar interessante a perspectiva que Lebrun introduz. Ele se propõe a examinar o que denomina de uma mutação do regime simbólico, na qual o gozo não se apresenta mais da mesma maneira. O que de fato acontece é que o lugar da exceção (o chefe, o pai, o mestre, o presidente, o rei, o deus etc.), que permitia o efetivo reconhecimento coletivo da legitimidade de cada sujeito, já não é mais evidente. Essa mutação na exceção, que funda tanto o sujeito quanto o social, determinaria, então, novas formas de ódio e de violência. Essa é, me parece, a hipótese central que Lebrun nos apresenta, a partir da qual seria possível determinar os traços específicos do ódio e da violência na contemporaneidade.

O ódio, mais do que um sentimento ou uma manifestação de explosão violenta, é um fato de estrutura: temos ódio pelo fato de falarmos, assim poderia ser enunciada a afirmação freudiana de que o indivíduo é um inimigo da civilização. A civilização nos impõe sempre um gozo a menos, uma falta, uma restrição, e a isso respondemos com ódio. A questão decisiva, então, é o que fazemos com esse ódio que nos habita pelo fato de estarmos inseridos na linguagem? Quais os destinos do ódio? A quem odiamos?

Ora, Lebrun propõe que na atualidade encontramos novas formas de evitar o ódio, determinando então seu retorno em sintomas novos e inusitados. Se a presença efetiva do outro dá origem a nosso ódio, também acontece sem a sua presença. Nesse caso, seria determinado pelos vestígios de que o outro nos atingiu, pelo menos uma vez, determinando um traumatismo perenizado. Encontramos hoje, afirma Lebrun, soluções de convívio que de antemão impediriam o aparecimento de qualquer conflito no encontro com o outro: desde o recurso de colocar uma televisão em cada quarto, de modo que não haja mais discussão entre os pais e os filhos sobre que programa assistir no horário em que a família estaria reunida, até a modalidade de laço conjugal no qual o outro é a peça menos duradoura, substituída ao primeiro atrito. O evitamento do ódio, nesses casos, se faria por meio de uma espécie de forclusão⁵ do encontro, determinando um modo de viver juntos, mas sem outrem. Aqui se situaria, então, uma gradativa e generalizada deterioração da consistência do outro, tanto do semelhante quanto do Outro como lugar marcado pela falta.

Lebrun se apóia na formulação lógica proposta por Jean de Munk para esclarecer a mutação do laço social: retoma o paradoxo de Russell⁶ e mostra como passamos de um modo de funcionamento que se apresenta como con-

sistente e incompleto (há ao-menos-um que faz exceção ao conjunto e funda sua consistência) para nos organizarmos de acordo com um regime que se pretende completo (não há exceção) e que, conseqüentemente, é inconsistente. Assim, o que hoje se privilegia não é mais a incompletude e a consistência, mas tendemos a nos referir por meio de um regime simbólico que se pretende completo e inconsistente.

É essa mudança de regime simbólico, que perturba inteiramente as referências tradicionais, assinalada pelo advento da democracia moderna. O democratismo é supor que a queda dos protagonistas que figuravam o terceiro (o rei, o deus, o pai do patriarcado etc.) significaria ao mesmo tempo o desaparecimento do lugar lógico da terceiridade. Bem pelo contrário, a linguagem impõe precisamente o lugar da exceção para o bom funcionamento de suas leis. Entretanto, a confusão entre a queda do modelo patriarcal e a pretensa queda do lugar de exceção, pela correlativa prevalência de um modelo completo e inconsistente, determina múltiplos efeitos subjetivos e sociais, próprios da nova economia psíquica.

Um exemplo, para ilustrar, se encontra na substituição do enunciado “tenho ódio de...”, por “tenho ódio!”, que encontramos com muita freqüência na boca das crianças e adolescentes. Como não há mais ponto ideal a partir do qual fazer existir o coletivo (a exceção), mas apenas senhas que valem para todos e permitem o acesso ao gozo que se pretende sem limites, também não há mais abrigo para o singular (o que lhe daria consistência), apenas o lugar para o particular que se destaca desse universal, dito de outro modo, não há mais sujeito capaz de função crítica.

Estaríamos, então, em um mundo completo, sem um lugar de exterioridade que poderia vetorizar a existência e especialmente o ódio. Na carência desse ponto vazio ao qual poderíamos dirigir nosso ódio e de onde proviria a violência como resposta ao nosso ódio, da qual estaríamos protegidos pela legitimidade que a civilização nos dá, emerge um ódio sem endereçamento, e por isso mesmo sem possibilidade de transmutar-se em tra-

⁵ Para maiores informações, consulte a edição 267 da Revista IHU On-Line, de 04-08-2008, intitulada *A função do pai, hoje. Uma leitura de Lacan*. (Nota da IHU On-Line)

⁶ Bertrand Arthur William Russell (1872-1970): considerado um dos mais influentes matemáticos, filósofos e lógicos do século XX. (Nota da IHU On-Line)

balho cultural. Assim, por exemplo, a força da blasfêmia ou a ação de lesa-majestade se transmutam nas formas impessoais de ódio, como na fórmula do enunciado sem complemento: “estou com ódio”. Então, o ódio não está mais vetorizado, mas penetra em toda parte e não está em lugar nenhum. Só restaria administrar o ódio, na abominação do conflito e na proliferação do ódio ao ódio. Explodem então os ataques às figuras que sustentam o lugar de exceção, e do qual se esquivam rapidamente aqueles que seriam seus legítimos representantes. Por isso podemos afirmar que o ódio é um ataque ao significante e ao lugar que funda o significante, o Outro de cada um e o Outro da cultura.

Lebrun, que não se recusa a discutir suas hipóteses e entra no diálogo sem se esquivar das oposições que o interlocutor possa lhe oferecer, situa o lugar de importância que tem o ódio na vida psíquica e social. Destaca também que devemos introduzir a diferença entre o ódio e o gozo do ódio, ou seja, a satisfação que se pode tirar do fato de concentrar o ódio naquele que está encarregado do lugar de exceção e não direcioná-lo para o vazio no Outro. O assassinato e a violência são formas visíveis de gozar de seu ódio.

O que faremos com nossos ódios?

LEIA MAIS...

>> Confira outras entrevistas concedidas por Mario Fleig:

* *As modificações da estrutura familiar clássica não significam o fim da família*. Edição número 150, de 08-08-2005, cujo tema de capa é *O pai desautorizado: desafios da paternidade contemporânea*;

* *Freud e a descoberta do mal-estar do sujeito na civilização*. Edição número 179, de 08-05-2006, cujo tema de capa é *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*;

* *O declínio da responsabilidade*. Edição número 185, de 19-06-2006, cujo tema de capa é *O século de Heidegger*;

* *O delírio de autonomia e a dissolução dos fundamentos da moral*. Edição número 220, de 21-05-2007, cujo tema de capa é *O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos?*;

* *“Querer fazer o mal parece algo inerente à condição humana”*. Edição número 265, de 21 de junho de 2008, cujo tema de capa é *Nazismo: a legitimação da irracionalidade e da barbárie*.

* *O pai moderno dilapidado: efeito do declínio do modelo patriarcal*. Edição número 267, de 04-08-2008, cujo tema de capa é *A função do pai, hoje. Uma leitura de Lacan*.

O ódio na pós-modernidade

Em *O futuro do ódio*, recém-traduzido para o português, o psicanalista francês Jean-Pierre Lebrun analisa o fenômeno nos tempos em que vivemos e conclui que o ódio ao Outro é uma de suas manifestações clínicas

POR MÁRCIA JUNGES

“O ódio na pós-modernidade não se manifestará necessariamente de forma inédita, e mais precisamente a facilidade com a qual este poderá se desencadear que lhe é específica.” A declaração é do psicanalista francês Jean-Pierre Lebrun na entrevista a seguir, concedida com exclusividade à **IHU On-Line** na última semana. De acordo com ele, as intolerâncias racial, religiosa e política seriam materializações desse sentimento.

Lebrun nasceu na Bélgica, onde formou-se em medicina psiquiátrica. Atualmente, é membro da Associação freudiana da Bélgica, que reúne os membros daquele país com os da Associação freudiana, criada por Charles Melman na França. Também é membro da Associação lacaniana internacional e autor, entre outros livros, de *Um mundo sem limites* (Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004), entre outros.

Lebrun esteve no Brasil recentemente. No dia 5 de setembro, lançou seu livro *O futuro do ódio* (Porto Alegre: CMC, 2008), recém-traduzido para o português. Os debatedores foram o Prof. Dr. Mario Fleig, da Unisinos, organizador da obra, e o Prof. Dr. Luiz Fernando Calil de Freitas, procurador de Justiça e presidente da Fundação Escola Superior do Ministério Público (FMP). Essa é a segunda vez que Lebrun concede entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos – IHU. A primeira foi em 17-05-2007, quando falou com exclusividade às **Notícias do Dia** do nosso site. Para conferir a entrevista, acesse www.unisinos.br/ihu, sob o título “O homem contemporâneo não sabe o que é desejar, só sabe o que é consumir”.

IHU On-Line - Quais são as principais manifestações do ódio na pós-modernidade?

Jean-Pierre Lebrun - O ódio na pós-modernidade não se manifestará necessariamente de forma inédita. Mas é antes a facilidade com a qual este poderá se desencadear que lhe é específica, pois é como se as barreiras que a cultura – no sentido amplo da palavra – teve desde sempre que construir contra o gozo do ódio e sua satisfação tivessem sido destruídas. O que explica, inclusive, que certas disfunções, que são somente acentuações do que sempre aconteceu, possam parecer inéditas. Foi assim

que fiquei impressionado com o caso de uma criança assassina de três anos e meio.

IHU On-Line - As intolerâncias racial, religiosa e política seriam exemplos desse ódio?

Jean-Pierre Lebrun - Efetivamente. O trabalho de tolerância à alteridade que resulta do trabalho da cultura, diminuindo a partir do momento em que a pós-modernidade dedica-se ao funcionamento do imediato, só tende a sofrer desta evolução. E então a agravar-se.

IHU On-Line - Essas manifestações

do ódio possuem equivalentes na forma clínica? Quais seriam essas manifestações?

Jean-Pierre Lebrun - A clínica do ódio que busca a satisfação é a clínica da criança à qual nenhum limite é colocado, e que não encontra mais o endereço que pode obrigá-la a transformar seu ódio em algo que não queira obter a satisfação destruidora. Vamos encontrar, então, neste caso, todos os sinais da perversão polimorfa da criança para os quais o recalçamento não aconteceu. Por assim dizer, vamos encontrar a clínica do ódio dirigido à mãe, este primeiro Outro do qual não se pode separar-se.

IHU On-Line - É possível falarmos numa nova economia psíquica a partir das manifestações do ódio na pós-modernidade?

Jean-Pierre Lebrun - A nova economia psíquica é uma economia que chamo de *“arrière-pays”* (lugar perto da costa marítima, lugar anterior, prévio). Ou o que os analistas chamam de o pré-edipiano, mas que nossos conceitos lacanianos nos levam a chamar de outra forma. O que não muda nada nos fenômenos observados. A economia psíquica, que é privilegiada na pós-modernidade, é uma economia que se forma quando a relação com a mãe não é mais regida pelo funcionamento significativo que prescreve um social centrado no pai.

IHU On-Line - A exacerbação do ódio pode ser creditada à sensação ilimitada de liberdade, ao delírio de autonomia que o sujeito experimenta?

Jean-Pierre Lebrun - Absolutamente. A prevalência do imediato que caracteriza nossa sociedade neoliberal induz a uma regressão em direção ao sentir. Freud falava do passo decisivo da civilização quando o patriarcado havia prevalecido sobre o matriarcado, “pois a maternidade é atestada pelo testemunho dos sentidos, ao passo que a paternidade é uma conjectura, é edificada sobre uma dedução e sobre um postulado”. O retorno à prevalência da sensação resulta muito desta pós-modernidade. Eu somente falaria de exaltação do ódio para designar o que pode acontecer quando

“A clínica do ódio que busca a satisfação é a clínica da criança à qual nenhum limite é colocado, e que não encontra mais o endereço que pode obrigá-la a transformar seu ódio em algo que não queira obter a satisfação destruidora”

esta obrigação de passar da sensação à conjectura não é mais imperativa. O ódio é então deixado a seu gozo, pois não é o ódio que deve perder seu crédito, ele somente dobra o amor, mas continua no seu gozo.

IHU On-Line - Em outra entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos (IHU), o senhor afirmou que o homem contemporâneo não sabe o que é desejar, só sabe o que é consumir. Em que momento e por que ele perdeu esse parâmetro?

Jean-Pierre Lebrun - Certamente, eu generalizei abusivamente afirmando isso, mas o que é fato é que a economia psíquica de *arrière-pays*, organizada pela prevalência da sensação e do imediato, construída sobre as bases da única relação com a mãe, resulta de uma economia regida pelo signo e não pelo significativo. São então as próprias estruturas deste desejar — a falta, a perda da onipotência do signo, a substituição do objeto — que se encontram contornadas. Segue-se que um sujeito que estaria inteiramente absorvido em tal funcionamento psíquico estaria na incapacidade de desejar. Por outro lado, consumir, se se tornar dependente do objeto, colar-se a ele, tudo isso é possível.

IHU On-Line - A fuga à subjetivação e a dificuldade em fazer escolhas estão ligadas ao desejo desenfreado em consumir? Em última instância, há alguma relação desse consumismo com o incremento do ódio?

Jean-Pierre Lebrun - Escolher supõe consentir perder o que não foi escolhido... É então um mesmo funcionamento que rege a atitude consumista, a ausência do que se chama desejo, o evitamento da cultura e da mediação que ela prescreve, e o evitamento de estabelecer as barreiras para a satisfação do ódio.

IHU On-Line - O que esse consumo desenfreado esconde sobre as psicopatologias contemporâneas?

Jean-Pierre Lebrun - Isto revela simplesmente o primado que parece tomar a economia psíquica que depende unicamente da subjetividade materna, quando, tradicionalmente, esta era dependente de uma economia que integrava a relação com um pai por meio da gravidez de um sistema social centrado no pai.

IHU On-Line - Como a sociedade do risco e suas incertezas fabricadas, para usar um conceito do sociólogo alemão Ulrich Beck,¹ está ligada a esse comportamento que não encontra limites?

Jean-Pierre Lebrun - Não conheço, infelizmente, os trabalhos deste sociólogo, mas não é difícil perceber que esta economia psíquica não pode aceitar o risco. Este último é sempre obrigado a suportar o fato de não saber tudo. Ora, este funcionamento está ligado ao poder do signo, logo, à onipotência.

¹ Ulrich Beck: sociólogo alemão da Universidade de Munique e autor de *A sociedade do risco*. Beck argumenta que a sociedade industrial criou muitos novos perigos de risco desconhecidos em épocas anteriores. Os riscos associados ao aquecimento global são um exemplo. O livro mais recente de Ulrich Beck é *Pouvoir et contre-pouvoir à l'ère de la mondialisation* (Paris: Aubier, 2003). Publicamos uma resenha do livro de Ulrich Beck, *Pouvoir et contre-pouvoir à l'ère de la mondialisation* (Poder e contra-poder na era da mundialização) (Paris: Aubier, 2003), escrita por Christian Chavagneux, na IHU On-Line número 84, de 17-11-2003. (Nota do IHU On-Line)

Filme da Semana

O filme comentado nessa edição foi visto por algum/a colega do IHU e está em exibição nos cinemas de Porto Alegre, como o Artepex, do Shopping Bourbon Country.

Linha de passe

Ficha técnica

Título original: Linha de passe

Diretor: Walter Salles e Daniela Thomas

Gênero: Drama

Tempo de duração: 108 minutos

Ano de lançamento: 2008 (BRA)

Elenco: João Baldasserini (Dênis), Vinícius de Oliveira (Dario), José Geraldo Rodrigues (Dinho), Kaique de Jesus Santos (Reginaldo), Sandra Corveloni (Cleuza)

Resumo: Em São Paulo, a dona-de-casa e empregada doméstica Cleuza (Sandra Corveloni) cuida de quatro filmes e espera um quinto, em meio aos sonhos e problemas do dia-a-dia.

Um Brasil esquecido

POR ANDRÉ DICK

O cineasta Walter Salles é especialista no que se refere a retratar o cotidiano de uma família brasileira. No entanto, ele não cria estereótipos nem encobre imperfeições de seus personagens. O seu filme mais recente, dirigido em parceria com Daniela Thomas — com quem dividiu as câmeras antes em *Terra estrangeira* e *O primeiro dia* —, intitulado *Linha de passe*, é o retrato dessa sua maior qualidade. No entanto, ao contrário, por exemplo, do excelente *Central do Brasil*, esse filme não é fechado, ou seja, o que se passa nele não se direciona a um final redentor, em que o personagem central se descobre plenamente, ao encontrar sua família no interior do Nordeste. Em *Linha de passe*, pelo contrário, a falta de redenção é o mote para cada um dos personagens que acompanha.

Não há, por isso, pelo menos claramente, como nos outros filmes de Walter Salles, uma linha narrativa clara. As ações vão se sucedendo de forma vertiginosa na imensa São Paulo. Mesmo o trecho inicial do filme representa esse movimento ininterrupto. Enquanto

a mãe, Cleuza (Sandra Corveloni premiada com a Palma de Ouro de melhor atriz em Cannes/2008), está no Morumbi assistindo a Corinthians e São Paulo, o filho Dinho (José Geraldo Rodrigues) se encontra num culto rezando com outros fiéis. Ao mesmo tempo, Dario (Vinícius de Oliveira), a promessa financeira da família, participa de uma “peneira” de futebol, e seu irmão Dênis (João Baldasserini) anda com sua moto pela cidade para entregar encomendas e tentar juntar dinheiro para dar ao filho.

No entanto, Salles e Thomas não se comprometem com uma percepção sociológica. Seu retrato é sobretudo artístico, universal e não restrito a uma localidade. Ambos estão em busca do ritmo impresso pela cidade grande e daí o aspecto urbano ser tão forte, violento, ao longo da narrativa. Os personagens se dividem entre uma casa apertada na periferia e a extensão da metrópole, com seus vazios. A narrativa, assim, está situada entre a falta de espaço e o que sobra de espaço, entre avenidas, ruas, sinaleiras, muros, calçadas, campinhos e

campos de futebol. No entanto, o que sobra de espaço dá a impressão labiríntica de os personagens não saírem dos mesmos lugares nos quais já estavam antes. A vida de cada um é como a pia da casa em que moram, que entope à certa altura. Nesse sentido, a seqüência em que Dario fica dopado e sai, na madrugada, pelas ruas de São Paulo, revela essa ponte entre o apartamento (apertado) e o labirinto de uma cidade imensa. Ao mesmo tempo, os personagens se amontoam em pequenos lugares (a família na pequena casa de periferia, os motoboys numa sala à espera de encomendas para entregar, o filho religioso no posto de gasolina, a torcida de futebol espremida na arquibancada, os aspirantes a jogador num banco de reservas apertado). Este choque entre o grandioso, o imenso, e o pequeno, o apertado, é o que mais cria desconforto em *Linha de passe*. A “luz no fim do túnel” é o pequeno guichê da bilheteria por onde os jovens que querem jogar futebol dizem o nome e a idade — formando uma fila de pessoas como aquela que pede a Dora (Fernando



Montenegro), de *Central do Brasil*, para escrever cartas. O futebol, nesse caso, é o acesso mais rápido ao ganho que as escolas e as profissões não dão. E o sonho cabe entre as traves da goleira. No entanto, o nascer do sol, na periferia, é tão melancólico quanto um dia de chuva, e todos os personagens estão presos, não tendo nem mesmo a mobilidade dos retirantes, nem o céu azul do sertão.

Por isso, o caso mais emblemático é, sem dúvida, o de Dario, vivido pelo ator Vinícius de Oliveira. É inevitável pensar por que Walter Salles escolheu o mesmo menino que interpretou em *Central do Brasil*. O que se percebe ao longo do filme é que ninguém poderia estabelecer um eixo melhor entre *Linha de passe* e *Central do Brasil*: o salto de um país que poderia dar certo — sobretudo, em *Central*, na fuga para o interior, em que o folclore é respeito, ao contrário da cidade grande, em que as culturas se perdem e se tornam em certa medida anódinas — para um país que, em grande parte, evidentemente fracassou na sua tentativa de mudança mais ampla, no filme mais recente. A figura de Dario, um jogador de futebol talentoso que tenta a sorte em várias “peneiras”, é significativa porque ele acaba sempre acusado, em campo, de ser individualista. A pergunta: seria diferente diante da condição em que vive? Esse personagem acaba estabelecendo a ponte com o sonho mais forte visto na trama: o de ajudar a mãe. Mas o que chama atenção, sob esse ponto de vista, é que Salles e Thomas ainda procuram imprimir a mudança em cada um dos personagens. Todos, por meio desse sonho, querem se libertar da sua condição atual. O filho mais novo, Reginaldo (vivido com talento impressionante por Kaique de Jesus Santos), é, por

exemplo, talvez mais do que os outros, o retrato dessa procura. Desconfiado de que o pai é o motorista de ônibus que costuma levá-lo à sua escola, ele sonha em aprender a dirigir na Kombi que enferruja no pátio da casa onde vive. A história poderia soar previsível, mas foge ao estereótipo, pois o sonho do menino está ligado diretamente à vida da mãe.

A figura materna no núcleo da família

A presença da mãe, que é totalmente contrária a ganhar qualquer coisa por meios escusos em *Linha de passe*, é peça-chave para qualquer uma das narrativas de Walter Salles. Em *Terra estrangeira*, o personagem principal, Paco, viajava para Portugal depois de perder a mãe, vitimada pelo susto do confisco do Governo Collor em 1990. Em *Central do Brasil*, a figura materna se fazia presente por meio da ausência, e por seu reflexo na personagem de Fernanda Montenegro, e, em *Abril despedaçado*, ela representava a submissão ao homem, no interior do sertão. Mesmo na incursão pouco instigante de Walter Salles em Hollywood, com o suspense *Água negra*, a mãe vivida por Jennifer Connelly tinha problemas no que se referia à infância e os reproduzia na filha pequena. Em *Linha de passe*, essa mãe, que cria os quatro filhos trabalhando como empregada e espera o quinto — sem saber quem é o pai —, é o retrato de uma classe submetida à pressão do abandono diário. Isto é, não há via de escape para o que ela sente: a realidade que a cerca é absoluta e única. É ao redor da figura materna que os personagens circulam e são fortalecidos. Ela se divide entre o periférico — a casa em que vive — e o centro — na casa onde trabalha como empregada doméstica. Não há uma distinção clara entre classes, mas apenas o pedido de se “olhar” para o que é periférico. Isso porque os personagens fazem parte de um país, mais do que marginalizado, esquecido.

Essas divisões são comuns nos filmes de Walter Salles, sobretudo em *Central do Brasil* — na ida para o interior do Brasil — e em *Abril despedaçado* — em que o jovem preso no sertão descobre o circo e o mar. No entanto, em *Linha de passe*, existe uma presença que se via apenas nas entrelinhas de *Central do Brasil*: a

fé. Na mais perfeita analogia que mostra o filme, Walter Salles e Daniela Thomas filmam a torcida do Corinthians, na qual está a mãe, torcendo para que o goleiro do São Paulo, Rogério Ceni, chute a bola para longe do gol, enquanto seu filho está num culto rezando com as pessoas e o pastor. Como se diz, a “fé move multidões”. Porém, em *Linha de passe* seria mais plausível afirmar que a “fé move solidões”, pois todos os personagens estão desamparados. Eles buscam um núcleo que unifique a família, como o menino Reginaldo, em busca do pai, mas essa busca é sempre solitária, mesmo que em meio à multidão. A torcida de futebol, encoberta pela bandeira imensa do time, e os fiéis, de certo modo, são movidos por uma fuga da realidade, mas, ao mesmo tempo, representam o encontro com a própria subjetividade, independente, aqui, do sentido especificamente religioso. Assim, apesar de o futebol ainda ser o “ópio do povo” e a religião mostrar um certo distanciamento da realidade, com a promessa do milagre por meio da fé, o que eles anunciam é uma via de escape da realidade agressiva. O espectador não fica estarecido quando um dos irmãos vira assaltante ou a mãe gasta dinheiro no bar bebendo em razão das derrotas de seu time. O fracasso é justificado pelo contexto em que os personagens se inserem. No entanto, não há demagogia: se enxerga o filme como um documento que apenas aparenta ser distante, mas revela uma brutalidade na aceitação que temos ao observá-lo.

A maneira como esses detalhes são filmados é extremamente fiel aos personagens. Ou seja, nada foge à rotina, o que não significa uma falha, antes pelo contrário: há um sentido de documentário na narrativa, mas acompanhado por uma desesperança que só a mão artística do cinema consegue transpor para um plano mais completo, revitalizado. De certo modo, todos os personagens são retratos fiéis de uma realidade urbana cada vez mais opressora. Tal qualidade é, sem dúvida, comum no cinema brasileiro, a exemplo de outros filmes referenciais, como *Cidade de Deus*. Mas parece que em *Linha de passe* não há uma divisão mais clara entre o sonho e a realidade, pois mesmo no sonho é possível sentir a pancada mais forte e, conseqüentemente, a mais crua realidade.

Invenção

Editoria de Poesia

Danilo Bueno

POR ANDRÉ DICK

Nascido em Mauá (SP), em 1979, o poeta Danilo Bueno é graduado na Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo e atualmente realiza mestrado, na USP, em Literatura Portuguesa, sobre Jorge de Sena. Publicou três livros de poesia: *Fotografias* (Santo André: Alpharrabio Edições, 2001), *Crivo* (Santo André: Alpharrabio Edições, 2004) e *Corpo sucessivo* (Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2008), com alguns poemas publicados antes em revistas como *Cacto*, *Modo de Usar & Co.*, *A Cigarra* e *Zunái*.

Seus escritos apresentam, em primeiro lugar, a dispersão do sujeito na cidade grande, mostrando como a opressão do dia-a-dia desenha uma espécie de melancolia filtrada pela observação de ruas e moradias. A característica de projetar um certo indivíduo moderno, que está sempre vagando por ruas, cheias ou abandonadas, recebe um adensamento, sobretudo em *Crivo*, num poema como “centro”: “*compra-se ouro / escrito num / jaleco / / (senhor de setenta anos) / / isto é comércio / frase de efeito / um corpo*”. O horizonte, por sua vez, aparece sempre obstruído: “*nenhum horizonte / recorte de telhado // apenas teto / janela / grade*” (em “*cerco*”), e a ausência individual se manifesta em cada verso. A cidade, talvez representando o sujeito moderno, aparece, ao mesmo tempo, em construção e em desmanche, com a natureza que o cerca sendo ameaçada pelo crescimento urbano. Com isso, de certo modo, a casa representa uma exclusão muitas vezes forçada. Embora nela o tempo pareça não avançar, como em “*vez*” (“*por seu turno / a gangrena / engrenagem / de um relógio*”), e as fotografias de familiares mostrem a persistência do tempo, temos um sujeito que,

através de uma certa reclusão domiciliar imposta, faz uma observação constante da rotina externa, o que impõe a presença constante, em sua poética, de ruas e caminhadas.

Em *Crivo*, como em seu primeiro livro, *Fotografias*, existe, também, um trabalho consistente de síntese, que lembra a poesia oriental, como em “*varanda*” (“*luz elétrica / no tapete / onde o gato dormia / / a macieira / já não cabe / na jardineira / / o cal e o limo / inscritos / na frente / / luar e música / pela janela*”), e o poeta chama a atenção para detalhes que parecem imperceptíveis, sobretudo nos objetos e no corpo humano, como provam os versos de “*Alba*”: “*o que das frestas ilumina: / manhã sobre a cama / pálpebras desfiando / ínguas – contornos / abertos – nudez abriga / toda geografia / corpo-móvel / os dias*”.

O enxadrista da sintaxe

Em seu livro mais recente, *Corpo sucessivo*, Danilo não foge à elipse e aos versos bem aparados, mas há uma profusão sonora que mais chama a atenção. Desse modo, o poeta parece menos preso a uma estrutura preestabelecida, embora continue arquitetando os versos de tal maneira que a leitura não é nunca fácil ou compreensível à primeira vista. A releitura, nesse caso, é peça-chave para se entender a poética de Danilo, que, embora utilize experimentações, não foge ao foco de construção. Até mesmo porque um de seus cenários prediletos – a cidade grande – é extremamente bem delineado, assim como seu choque com a natureza. Ou seja, a flor é um elemento central de sua poesia: ele a vê

mesmo em meio a ônibus e à fuligem da metrópole, aos homens que trabalham segurando cartazes.

Danilo Bueno trabalha com a sintaxe de maneira singular, manejando os poemas a partir de um núcleo em que os versos vão se construindo, às vezes de forma linear, às vezes de forma enfiada. De modo geral, em *Corpo sucessivo*, esse núcleo é feito a partir do trabalho sonoro. No seu poema “*alguns cavalos*”, por exemplo, há um aspecto lingüístico que remete ao jogador de xadrez russo Alexander Alekhine: “*Alekhine lançava aos golpes / aqueles mesmos cavalos, / em ângulos que implodem / além da tensão do arco / / tal um balé, demolido / a cada passo, ínsito / somente em si desarmado*”, formando uma curiosa tessitura de versos. Ou em “*baque e torpor*”: “*rosas racham / pleno meio-dia / caía / / parecia abater-se / (luz e nítida imagem) / silêncio por vezes agonia*”. Ou em “*metamorfoses*”: “*permanecer o mesmo / ao resolver-se outro / dentro de todos / / escombros de encontros / atônito / simulacro de assombros / / monstro / epígono de anônimos*”.

Nos poemas que enviou à revista *IHU On-Line*, Danilo utiliza o paralelismo, a repetição de palavras, no encadeamento de funções sintáticas semelhantes, criando uma mobilidade para paisagens ou conceitos que se repetem. Há, nessa repetição, ao mesmo tempo, uma polifonia e uma colagem, assim como a lembrança de uma frase do artista plástico Marcel Duchamp no primeiro poema. “*D’ailleurs, c’est toujours les autres qui meurent*” (“*Aliás, são sempre os outros que morrem*”) são as palavras que o artista plástico pediu para gravar em seu túmulo.

Somos os poetas de Deus
Somos os poetas do povo
Somos os poetas da crítica
Somos os poetas doutrinários
Somos os poetas eruditos
Somos os poetas modernos
Somos os poetas da tecnologia
Somos os poetas pós-utópicos
Somos os poetas dos estilos históricos
Somos os poetas do absoluto e do real
Somos os poetas da ideologia
Somos os poetas de fim de semana
Somos os poetas canônicos
Somos os poetas de carreira e de gabinete
Somos os poetas das revistas eletrônicas
Somos os poetas sem qualidades
Somos os poetas municipais
Somos os poetas das minorias
Somos os poetas engajados
Somos os poetas das mansardas
Somos os poetas tradutores
Somos os poetas acadêmicos
Somos os poetas malditos
Somos os poetas blogueiros
Somos os poetas dos poetas
Somos os poetas das capelinhas
Somos os poetas contemporâneos
Somos os poetas épicos
Somos os poetas visuais
Somos os poetas portugueses
Somos os poetas inclassificáveis
Somos os poetas da MPB e do samba
Somos os poetas da poeticidade
Somos os poetas dos galardões
Somos os poetas do júri
Somos os poetas de aspirina e idéia fixa
Somos os poetas do corpo do amor da síncope
Somos os poetas da obra diamantina
Somos os poetas dos banheiros públicos
Somos os poetas visionários
Somos os poetas cosmopolitas
Somos os poetas inéditos
Somos os poetas e seus epitáfios
D'ailleurs, c'est toujours les autres qui meurent
E os mortos e os semivivos e os que ainda irão
Morrer

Uma praça vira estacionamento
Uma esquina vira estacionamento
Um casarão centenário vira estacionamento
Um prédio utiliza três subsolos de estacionamento
E muitos carros ainda param do lado de fora!
Uma rua só de estacionamentos à esquerda
Estacionamentos fecham quadras inteiras
Vallets levam carros para estacionamentos invisíveis
Há estacionamentos só para motos
No supermercado o estacionamento é gigante
Macunaíma confundiu pessoas com carros!
Os carros não param os carros não param
De sair das casas dos condomínios de cinco vagas
Há estacionamentos pagos com moedas
E os que não aceitam cheque há mensalidades
Para estacionamentos com pacotes promocionais
O cinema Tangará virou um estacionamento
Calçadões foram tomados por estacionamentos
Um motorista é um estacionamento 24 horas
Nunca as concessionárias tiveram tantos
Pátios-estacionamentos
Perto de templos estacionamentos não negociam
Casas são estacionamentos perto dos estádios
Casas recém-demolidas, ainda com azulejos à mostra
São estacionamentos de padarias ou
Drogarias arrasa-quarteirão

...

Não se esqueça
Há fileiras de carros todo o tempo
Sem estacionamento
Enquadradas na equívoca possibilidade das ruas

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 16-09-2008 a 19-09-2008.

Pré-sal: uma nova perspectiva para o desenvolvimento econômico brasileiro

Entrevista com David Kupfer

Confira nas Notícias do Dia 16-09-2008

“Apostar exclusivamente no petróleo é a pior aposta que podemos fazer”, afirma o economista. Ele afirma também que o Brasil deve continuar apostando nas hidrelétricas e biocombustíveis para gerar energia para o país.

A utopia da sociedade em rede: Um mundo sem fronteiras?

Entrevista com André Lemos

Confira nas Notícias do Dia 17-09-2008

Para o professor, a crise de acesso aos meios massivos está levando as grandes empresas não apenas a se adaptarem

a esse novo cenário, mas também a olharem a sociedade de uma nova maneira.

Trânsito brasileiro: por uma reeducação a partir da população

Entrevista com Jaime Waisman

Confira nas Notícias do Dia 18-09-2008

Para o professor da USP, “precisamos fazer com o carro aquilo que fazemos com a bebida: não necessariamente abandoná-lo, mas usá-lo com moderação”

Pré-sal: do conhecimento técnico ao desenvolvimento econômico brasileiro

Entrevista com Paulo Sérgio Paim e Gerson Fauth

Confira nas Notícias do Dia 19-09-2008

Os professores de Geologia analisam, nesta entrevista, as implicações tecnológicas e econômicas trazidos pela exploração do petróleo encontrado abaixo da camada de pré-sal que vai do norte de Florianópolis ao sul da Bahia.

acesse

www.unisinos.br/ihu



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana, realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Dia 25-09-2008
<i>IHU Idéias</i>
A Pessoa no Direito Privado Brasileiro: repensando conceitos a partir de Heidegger Palestrante: Leonardo Grison – Bacharel em Direito – Unisinos Horário: das 17h30min às 19h Local: Sala 1G119 – Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Dia 29-09-2008
<i>EAD – Espaço de Espiritualidade I - Abrir os Olhos</i>
ETAPA 4: O OLHAR DE DEUS Apresentação de Deus como criador e amante da vida, que se dá a conhecer através da natureza, dos animais, dos seres humanos, do universo. Como lidamos com a realidade do sofrimento pessoal e coletivo? Deus tem alguma palavra a nos dizer?
Dia 29-09-2008
<i>Encontros de Ética</i>
A espiritualidade como fator de proteção na adolescência Palestrante: Profa. Dra. Luciana F. Marques – UFRGS Horário: 15h30min às 17h Local: Sala 1G 119 – Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Dia 29-09-2008
<i>EAD2 - Espaço de Espiritualidade I - ABRIR OS OLHOS</i>
ETAPA 1: VIVER COM OLHOS ABERTOS Esta é uma etapa introdutória na qual aprenderemos a fazer uso das ferramentas do EAD, assim como iremos nos introduzindo no sentido e metodologia da caminhada.

**PARTICIPE DOS NOVOS EVENTOS
DO IHU
CONFIRA A PROGRAMAÇÃO EM
WWW.UNISINOS.BR/IHU**

Da hermenêutica de Heidegger à valorização do humano: um diálogo entre Filosofia e Direito Privado

Para Leonardo Grison, a aproximação entre a Filosofia e o Direito nem sempre é tão fácil, principalmente quando se trata da obra de filósofos que nunca tiveram o Direito como preocupação central

POR BRUNA QUADROS

“**R**epersonalização do Direito Privado é um discurso que surge após a Segunda Guerra Mundial, em função de todas as atrocidades cometidas contra a pessoa. O que se revelou diante de tais atrocidades foi a incapacidade do positivismo jurídico em evitar o desrespeito à pessoa.” A afirmação é do advogado Leonardo Grison que, no dia 25 de setembro, estará no Instituto Humanitas Unisinos – IHU onde proferirá a conferência *A pessoa no Direito Privado brasileiro: repensando conceitos a partir de Heidegger*. Em entrevista, realizada por e-mail, à revista *IHU On-Line*, Grison afirmou que a pessoa humana, atualmente, tem sido pensada a partir de um outro enfoque. “Pouco a pouco, a discussão tem levado em consideração a realidade existente, não pensando a pessoa como um indivíduo que parece não estar em lugar nenhum e em todos os lugares ao mesmo tempo.” Ele destacou, ainda, a importância de os Direitos Humanos apontarem não apenas para aqueles direitos formalizados através das Constituições e dos tratados internacionais, mas, também, para a realidade das pessoas, focando-se nos problemas existentes, reconhecendo, principalmente as diferenças.

Leonardo Grison possui graduação em Direito – Bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2008). Em 2005, foi bolsista de iniciação científica (UNIBIC – Unisinos), junto ao Programa de Pós Graduação em Direito da Unisinos, participando do projeto “Relações contratuais: em busca de um novo modelo jurídico a partir da ética da alteridade e da hermenêutica filosófica”. Em 2007, defendeu sua monografia, com base nas mesmas pesquisas, intitulada “Repersonalização do Direito Privado e Fenomenologia Hermenêutica”, sendo aprovado com distinção. Em 2007 também estagiou junto à Defensoria Pública Estadual.

IHU On-Line - Como o senhor define a repersonalização do Direito Privado? O que mudou, desde o período Pós-Guerra, tendo em vista que o conceito se configura ao final da Segunda Guerra Mundial, até os dias atuais?

Leonardo Grison - Repersonalização do Direito Privado é um discurso que surge após a Segunda Guerra Mundial, em função de todas as atrocidades cometidas contra a pessoa. O que se revelou diante de tais atrocidades foi a incapacidade do Positivismo Jurídico em evitar o desrespeito à pessoa. Claro que outra ordem jurídica também não teria evitado a guerra, mas

isto alertou a comunidade jurídica para essa questão importante. A essa altura, o Direito encontrava-se em um sistema extremamente tecnicista, ancorada pelo pensamento kantiano que separava o Direito da moral. Todo o formalismo existente fazia com que a pessoa fosse esquecida pelo Direito. No Direito Civil, em particular, a pessoa era pensada apenas como um proprietário. Contra isso, surgiu a repersonalização do Direito Privado, pregando o retorno da pessoa ao centro gravitacional do Direito. Desde o final da guerra até os dias atuais, muitos países mudaram de Constitui-

ção, e a discussão passou a se pautar por princípios postos a partir destas. Em especial, o Brasil, com a Constituição Federal de 1988, que tem suas origens no processo de redemocratização e teve seu ápice com a Assembleia Nacional Constituinte de 1986. A Constituição trouxe uma verdadeira revolução de valores, se comparado com o período ditatorial. Em seus primeiros artigos, a Constituição já deixa patente os objetivos básicos da República. Dentre eles, cabe ressaltar o princípio da dignidade da pessoa humana, que irá tornar a pessoa o fim último de toda ação jurídica.

IHU On-Line - No que implica esta re-
personalização para a sociedade, em
especial a brasileira? Qual o ponto
de encontro entre esta repersona-
lização e a constitucionalização do
Direito Privado? Ou trata-se de con-
ceitos diferentes?

Leonardo Grison - A repersonalização
do Direito Privado e a constituionali-
zação do Direito Privado são conceitos
que andam juntos, já que em ambos a
discussão é pautada pela Constituição.
O Direito Constitucional, em meados
do século XX, já se deixava pautar por
valores, principalmente em função das
constituições que visavam implemen-
tar o Estado Social. Ainda hoje, o ter-
mo é utilizado por juristas do chamado
Direito Civil Constitucional. Quando se
fala em Direito Civil Constitucional, se
pensa em um direito civil que tenha
como horizonte hermenêutico a Consti-
tuição, sempre. É uma obviedade,
porque os valores constitucionais têm
de estar no horizonte hermenêutico
do intérprete a todo o momento, em
qualquer ato jurídico, de qualquer
área, e é uma pena que tenha que se
frisar isso, mas a realidade de nossos
tribunais nos mostra que isso ainda é
necessário. No caso da repersonaliza-
ção, o disposto no art. 1º da Consti-
tuição Federal, que estabelece o prin-
cípio da dignidade da pessoa humana
como fundamento do Estado brasilei-
ro, é o princípio que irá pautar a in-
terpretação. Essa é a principal âncora
desse discurso, e impõe necessaria-
mente uma leitura transdisciplinar, já
que dignidade da pessoa humana não
é estritamente um conceito jurídico.
Aqui, para que se faça uma reflexão
mais profunda, é necessário entrar na
filosofia. A dignidade da pessoa huma-
na é expressão que tem origem em
Pico Della Mirandola,¹ filósofo renas-
centista, e é mais bem trabalhada em
Kant. Ainda hoje, os conceitos mais
contemporâneos sobre o tema guar-
dam grande influência do pensamento
de Kant. Infelizmente, no Direito, o
que ainda predomina é um uso apenas
retórico da expressão, desprovido de
maiores reflexões. Basta perceber que

1 Giovanni Pico della Mirandola (1463 -1494):
foi um erudito, filósofo neoplatônico e huma-
nista do Renascimento italiano. (Nota da IHU
On-Line)

“Heidegger entra
justamente como o
fundamento para se
pensar a pessoa no
âmbito do direito. Se
dissermos que a pessoa
é o elemento central do
direito, temos de
discutir o que é pessoa,
e como ela deve ser
encarada. Nem sempre
se entendeu por pessoa
o que se entende hoje”

na maioria das decisões em que é uti-
lizado o princípio ele apenas é citado,
desprovido de qualquer fundamenta-
ção, como se fosse algo evidente por
si mesmo. Na academia, o tema vem
ganhando maiores atenções, porém
não com o mesmo empenho que se de-
seja. A exceção é a brilhante obra *Dig-
nidade da pessoa humana e Direitos
Fundamentais na Constituição Federal
de 1988*, do juiz e professor Ingo Wolf-
gang Sarlet.² Através de vasta pesquisa
bibliográfica, o autor demonstra o que
contemporaneamente tem se pensado
acerca do conceito de dignidade da

2 Ingo Wolfgang Sarlet: doutor em Direito pela
Ludwig Maximilians Universität München, da
Alemanha. É coordenador do Programa de Pós-
Graduação em Direito - Mestrado e Doutorado
e professor titular da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). É, tam-
bém, professor da Escola Superior da Magis-
tratura do Rio Grande do Sul (AJURIS). Publi-
cou livros como *O Direito Público em tempos
de crise* (Porto Alegre: Livraria do Advogado,
1999) e *Dignidade da Pessoa Humana e Direi-
tos Fundamentais* (5. ed. Porto Alegre: Livraria
do Advogado, 2007). (Nota da IHU On-Line)

pessoa humana. E o que o conceito
aponta, em apertada síntese, é para
a vedação da instrumentalização hu-
mana. Com isso, se quer dizer que a
pessoa tem de ser sempre o fim último
de toda ação, nunca sendo meio para
outro fim. No Direito Civil, e no Direito
Privado como um todo, isso traz gran-
des transformações; a principal delas
é tirar o foco do patrimônio para dar
lugar à pessoa. Com isso, há grandes
contribuições para a sociedade brasi-
leira nas mais variadas áreas. No Direi-
to de Família, por exemplo, impõe-se a
necessidade de pensar as decisões não
só pelo viés patrimonial, e sim pensa-
do no bem-estar das pessoas que nela
vivem, fazendo com que muitas vezes
o afeto seja um valor mais importante
que o patrimônio. Os contratos passam
a ser observados sob outra ótica tam-
bém, e nesse sentido ganham força
princípios como o da boa-fé objetiva.
Também ganham força os movimentos
sociais. Um bom exemplo é o do ju-
rista José Carlos Moreira da Silva Fi-
lho,³ que foi meu orientador durante
a iniciação científica e na monografia
de conclusão de curso, e tem realiza-
do trabalhos acerca dos direitos dos
povos indígenas, ancorado no discurso
da repersonalização do Direito Priva-
do. Embasado nos preceitos constitu-
cionais, ele mostra como incabível a
leitura infantilizadora dos índios que
muitas vezes é feita na comunidade
jurídica.

IHU On-Line - Com a criação do Có-
digo de Napoleão, na França, o siste-
ma jurídico deixa de ser tecnicista e
passar a ser visto como relações ju-
rídicas. Diante deste novo conceito,
as pessoas deixavam de ter impor-
tância. Como você percebe a valori-
zação da pessoa humana nos dias de
hoje? Os direitos humanos apontam,
realmente, para este caminho?

Leonardo Grison - O que ocorre com
o Código de Napoleão,⁴ na verdade,

3 José Carlos Moreira da Silva Filho: doutor
em Direito pela Universidade Federal do Para-
ná (UFPR), com a tese intitulada *Hermenêuti-
ca Filosófica e Direito: O exemplo privilegia-
do da boa-fé objetiva no Direito Contratual*.
Atualmente, é professor adjunto do curso de
Ciências Jurídicas da Unisinos e integrante da
Comissão de Coordenação do Programa de Pós-
Graduação em Direito. (Nota da IHU On-Line)

4 O Código Napoleônico (originalmente cha-
mado de *Code Civil des Français*, ou código

é um paradoxo. Ele surge logo após a Revolução Francesa e, de início, conta com grande influência jusnaturalista-racionalista, de caráter antropocêntrico. Ocorre que apenas seus primeiros projetos guardaram essa influência, permanecendo, ao final, um projeto mais afeito às idéias de Napoleão, figura decisiva na elaboração do “Code Civil des Français”, posteriormente denominado “Code Napoléon”. Este se assemelhava mais ao espírito da contra-revolução do que o da revolução. A situação se agrava mais ainda com as discussões acerca do art. 4º do código. A interpretação do artigo deu origem a duas teses, ambas seguindo a idéia de que o juiz sempre deveria decidir todos os casos, porém uma entendendo que ele deveria buscar elementos fora do ordenamento jurídico, e outra, que acabou sendo a dominante, que entendia que todas as respostas deveriam ser buscadas no próprio ordenamento jurídico. Com isso, surge a chamada Escola da Exegese, e as leituras que se passam a fazer são de cunho tecnicistas. Posteriormente, surge a Escola Histórica Alemã, também chamada de pandectística. É dela a contribuição do conceito de relação jurídica, ainda hoje utilizado. Estava criado o artificialismo que iria escamotear de vez a pessoa. Com a relação jurídica estabelecida, perdeu-se a importância da pessoa. Vale ainda lembrar que se diz repersonalização, e não apenas personalização, porque a pessoa já era pensada nessa época. O que acontece é que atualmente o enfoque dado à pessoa é diferente daquele, racionalista (com uma razão descolada, como refere Charles Taylor,⁵ ou ainda uma razão instru-

civil dos franceses) foi o Código Civil Francês outorgado por Napoleão I e que entrou em vigor em 21 de março de 1804. O Código Napoleônico propriamente dito aborda somente questões de Direito Civil, como o registro civil ou a propriedade; outros códigos foram posteriormente publicados abordando Direito Penal, Direito Processual Penal e Direito Comercial. O Código Napoleônico também não tratava como leis e normas deveriam ser elaboradas, o que é matéria para uma Constituição. (Nota da IHU On-Line)

5 Charles Taylor: filósofo canadense, autor de vários livros entre os quais se destaca: *Sources of the Self. The Making of the Modern Identity*, editado em 1989 e traduzido para o português sob o título *As fontes do self. A construção da identidade moderna* (São Paulo: Loyola, 1997). Também é o autor do livro *The malaise*

mental, seguindo o pensamento de Weber),⁶ abstrato, individualista, que não leva em consideração a realidade social de cada pessoa, e especialmente no Direito Privado que o considera apenas como proprietário. A pessoa humana atualmente tem sido pensada a partir de um outro enfoque. Pouco a pouco, a discussão tem levado em consideração a realidade existente, não pensando a pessoa como um indivíduo que parece não estar em lugar nenhum e em todos os lugares ao mesmo tempo. Há grande parte dos que discutem e pensam os direitos humanos atentos para essas questões. Nesse terreno, em especial, ganha importância o reconhecimento do outro. Toda pessoa, além de ser um indivíduo, é um sujeito, e nisso está implícita a idéia de se sujeitar ao outro. É importante que os Direitos Humanos apontem não apenas para aqueles direitos formalizados através das constituições e dos tratados internacionais, mas sim para a realidade das pessoas, focando-se nos problemas existentes, reconhecendo, principalmente as diferenças.

IHU On-Line - De que forma a fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger dialoga com a repersonalização do Direito Privado?

Leonardo Grison - Esse é o grande desafio da pesquisa que realizei.

of modernity, publicado em 1991 e traduzido para várias línguas. Em espanhol, o livro se intitula *La ética de la autenticidad* (Barcelona: Ediciones Paidós, 1994). Em português, podem ser conferidos, ainda, *Argumentos filosóficos* (São Paulo: Loyola, 2000) e *Multiculturalismo: Examinando a política de reconhecimento* (Lisboa: Instituto Piaget, 1998). (Nota da IHU On-Line)

6 Maximillion Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. A edição brasileira mais recente foi publicada em 2004, pela Companhia das Letras, Rio de Janeiro, com o título *Max Weber: a ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Cem anos depois, a IHU On-Line dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004. De Max Weber o IHU publicou o *Cadernos IHU em formação* número 3, 2005, chamado *Max Weber – O espírito do capitalismo*. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU, intitulada “Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo”. (Nota da IHU On-Line)

A aproximação entre a Filosofia e o Direito nem sempre é tão fácil, principalmente se tratando de obra de filósofos que nunca tiveram o Direito como preocupação central. O diálogo ocorre justamente porque a pessoa é preocupação central, tanto na obra de Heidegger⁷ como no discurso da repersonalização do Direito Privado. E Heidegger entra justamente como o fundamento para se pensar a pessoa no âmbito do Direito. Se dissermos que a pessoa é o elemento central do Direito, temos de discutir o que é pessoa, e como ela deve ser encarada. Nem sempre se entendeu por pessoa o que se entende hoje. É com a Igreja Católica que vem a idéia de que todo homem é pessoa e só o homem é pessoa. Há que se diferenciar também, pessoa de indivíduo. Este último é aquele de “carne e osso”, que se equipara aos demais por ser da mesma espécie, e se difere pela sua singularidade. Já o conceito de pessoa vai além, transcendendo o carnal, apontando muito mais para uma dimensão ética. O filósofo alemão irá se perguntar pelo sentido do ser, segundo ele, esquecido desde a Antiguidade. Para isso, ele se dá conta de se mudar o foco de observação para aquele que é o único que compreende o sentido do ser, o homem, que Heidegger denominou “Dasein”, ou, ser-á, como costuma ser traduzido para o português. Assim, Heidegger passa a analisar criticamente a pessoa, a fim de melhor compreender como ela interpreta o sentido do ser, ou seja, como ela interpreta tudo ao seu redor. Esse é um marco característico do “Dasein”, ele é o único ser que sabe que existe e ainda se pergunta acerca de sua existência. Não é apenas o ser humano enquanto espécie. É ele considerado em situação existencial.

7 Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sobre Heidegger, a IHU On-Line publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo “O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo”. Confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponíveis para download no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). Confira, ainda, o nº 12 do *Cadernos IHU em formação* intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*. (Nota da IHU On-Line)

Tal atitude filosófica deve ter o jurista, lembrando que lida com pessoas, considerando-as em sua concretude, complexidade e historicidade, e não com conceitos abstratos. É a máxima da fenomenologia: ir às coisas nelas mesmas.

IHU On-Line - O que tornam as teorias de Heidegger ferramentas para um pensamento crítico e, ao mesmo tempo social, acerca da repersonalização do Direito Privado?

Leonardo Grison - Esse ponto observa-se principalmente em um dos conceitos-chaves de Heidegger: a pré-compreensão. Ao compreender o sentido do ser, pelo desvelamento do ser, que se dá através do ente, o sentido já se antecipa. Aqui nasce o conceito de pré-compreensão. A compreensão é, portanto, uma interpretação daquelas possibilidades estabelecidas na pré-compreensão. Sempre interpretamos as coisas em um como. O significado de um ente será “determinado pelo papel que este assume no *ser-em do ser-no-mundo*”, segundo José Carlos Moreira da Silva Filho. Esse é o caráter eminentemente social, já que a pré-compreensão não se forma em um indivíduo isolado, e sim na vivência com os outros. Somos um produto de nossa historicidade, de nosso contexto social. Se compreendemos algo como algo, é porque há uma pré-compreensão que nos permite fazer isso, e ela é um produto da sociedade. Heidegger herda de Dilthey a idéia de que somos um produto de nossa história, e desde sempre estamos inseridos na história. De acordo com a teoria heideggeriana, somos lançados-no-mundo, um mundo que é muito anterior, uma realidade que, em princípio, não nos permite muitas escolhas. Ainda assim, as escolhas que teremos serão um produto histórico, um produto social. Isso porque, como diz o título de sua principal obra, *Ser e tempo*, o sentido do “ser” é o “tempo”, e o homem também é um produto de seu tempo. As idéias não surgem do nada, como pensaram algumas tradições metafísicas; elas são rastreadas pela pré-compreensão.

Juventude e religiosidade: há um esvaziamento das crenças e dos valores morais

Segundo a psicóloga Luciana Fernandes Marques, estudos descrevem a adolescência atualmente como uma massa sem contornos definidos. A religiosidade/espiritualidade serve como um guia que pode ajudar o jovem nas escolhas, no desenvolvimento da auto-imagem e nos projetos de futuro

POR BRUNA QUADROS

“ **A** religiosidade têm sido associada, na adolescência, à melhor tomada de decisão, maior bem-estar, menor envolvimento em comportamentos violentos, menor risco de doenças e menos problemas de comportamento.” A afirmação é da psicóloga Luciana Fernandes Marques, que estará na Unisinos no próximo dia 29 para participar do evento Encontros de Ética. Promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU, o encontro irá discutir a *Espiritualidade como fator de proteção na adolescência*. Ao conversar, por e-mail, com a **IHU On-Line**, Luciana adiantou que, atualmente, o consumo, as drogas, os valores de grupo exercem enorme poder de atração sobre os jovens. A entrevista que segue foi elaborada com a colaboração da equipe de Teologia Pública do Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

Luciana Fernandes Marques é psicóloga, com mestrado e doutorado em Psicologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Atualmente, é docente na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) e professora convidada do curso de Psicologia Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

IHU On-Line - Como a senhora percebe a relação dos jovens com a religião, nos dias de hoje?

Luciana Marques - Percebo um esvaziamento das crenças religiosas e valores morais. O consumo, as drogas e os valores de grupo exercem enorme poder de atração. Parece que alguns jovens têm uma educação mais voltada para o desenvolvimento da religiosidade, e adultos próximos que servem de modelos aproveitam melhor esse recurso. Às vezes, já criaram o hábito de ir a cultos com a família, ou de realizar orações e

estudos em casa e se apropriam dessa prática como parte de sua vida. Há também formas alternativas de vivência espiritual não religiosa, através de seitas, terapias e oráculos, e que não é ligada às instituições clássicas. E socialmente não há um repúdio, então o jovem faz uma mescla disso com uso de certas roupas, com valores do grupo de iguais e ouve certas músicas. Os pais vêem como “esquisitice” da adolescência, mas certos valores estão presentes e podem ajudar ou atrapalhar o desenvolvimento desse indivíduo.

IHU On-Line - Quais as mudanças mais significativas na vida dos adolescentes, a partir do momento em que eles passam a se envolver mais com os princípios religiosos, independente da doutrina, além de reconhecer tal importância?

Luciana Marques - Durante a adolescência, há várias fases marcadas por níveis diferenciados de desenvolvimento. Estamos estudando como essas diferentes características se relacionam com a religiosidade e a espiritualidade. É provável que, no início da adolescência, ao se envolver com questões religiosas, o jovem utilize mais o recurso da imitação do comportamento dos adultos que observa. A própria imitação de orações, participação em rituais, cria um ambiente para a prática desses valores na vida cotidiana, além de trazer benefícios como o relaxamento (muitos rituais religiosos envolvem trabalho da atenção e concentração e relaxamento corporal). Já os adolescentes mais velhos se deparam com questões do desenvolvimento como construção da própria identidade, início da sexualidade e delineamento de projetos vitais. Nessa fase, a religiosidade/espiritualidade serve como um guia que pode ajudá-lo nas escolhas, no desenvolvimento da autoimagem e nos projetos de futuro.

IHU On-Line - Que fatos a levaram a pesquisar nesta área? A quais resultados a senhora chegou, quando realizou uma pesquisa sobre a realidade dos adolescentes de Porto Alegre, e de que maneira os avalia?

Luciana Marques - O estudo da espiritualidade surgiu na minha dissertação de mestrado numa pesquisa sobre práticas alternativas em psicologia, que era um assunto em voga na época, por suscitar vários problemas no exercício profissional do psicólogo. Embora estivesse presente a questão dos psicoterapeutas usarem práticas sem fundamento na área da psicologia, havia também um grande interesse deles por essa questão da espiritualidade. Então, no doutorado, fomos investigar se a espiritualidade se relacionava com a saúde geral de adultos. E vimos que havia ali uma dimensão associada à saúde e pouco explorada pelos psi-

cólogos. E atualmente, na UFRGS, estamos desenvolvendo um estudo sobre o desenvolvimento da espiritualidade na adolescência. Queremos observar como isso se desenvolve ao longo desta fase da vida, mas ainda não avaliamos os resultados do estudo.

“Percebo que tem ocorrido uma evolução, no sentido de diminuir o preconceito na comunidade acadêmica com o estudo de certos temas considerados marginais, como a espiritualidade”

IHU On-Line - Durante muito tempo, tivemos a impressão de não poderia haver uma relação entre a psicologia e a religião. Qual é sua opinião a respeito? Podemos dizer que houve uma evolução?

Luciana Marques - Essa é uma questão espinhosa cheia de paradoxos, contradições e questões mal-compreendidas. A religião e seus mitos e ritos constrói conhecimentos válidos através das experiências transcendentais, revelações, fenômenos mediúnicos, de acordo com suas crenças. A psicologia é uma ciência e como tal pode se aproximar desses fenômenos com seus instrumentos, visando descrevê-los, observar suas regularidades e associações com inúmeras variáveis. O tema difícil surge quando a ciência se aproxima para validar ou anular as crenças religiosas, que não é seu papel. Ou, pior ainda, quando utiliza métodos não científicos e mistura-se com

a religião. Percebo que tem ocorrido uma evolução, no sentido de diminuir o preconceito na comunidade acadêmica com o estudo de certos temas considerados marginais, como a espiritualidade. Atualmente, este assunto tem sido estudado em várias teorias e tem sido absorvida numa visão de psicologia da saúde e psicologia positiva como uma força do ser humano capaz de auxiliá-lo como recurso de enfrentamento em situações difíceis. Ainda não vejo a discussão acerca das questões mais aplicadas, que poderia ser assim sintetizada: como o psicólogo pode atuar profissionalmente promovendo o recurso da espiritualidade de uma forma não religiosa?

IHU On-Line - Quais são as principais características dos adolescentes de hoje? E a que riscos eles estão expostos, tendo como parâmetro os moldes da sociedade atual?

Luciana Marques - Muitos estudos descrevem a adolescência atualmente como uma massa sem contornos definidos. O jovem hoje não exerce seu poder político, não se envolve em lutas de cidadania e nem parece com pressa de crescer em independência emocional e financeira dos pais, ficando até a idade adulta morando com a família de origem, o que também é um fenômeno atual. Mas muitos dos riscos a que estão expostos são característicos dessa fase, de descoberta de si, do mundo, de curiosidade, de pouco medo de correr riscos, de atração por fortes emoções. Isso o empurra para situações de risco, juntamente com sua situação social, familiar e econômica, que aumentará, ou não, sua vulnerabilidade.

IHU On-Line - O que a senhora entende por espiritualidade? E em que sentido a mesma é um fator de proteção na adolescência?

Luciana Marques - A espiritualidade é uma dimensão humana presente desde o homem das cavernas, quando já enterravam seus mortos com rituais e pareciam acreditar na vida após a morte. A espiritualidade pode ser vivenciada em religiões públicas ou fora delas. Tem sido mais associada ao desenvolvimento em caminhos religiosos com seus cultos públicos ou grupais,

mitos e ritos. Tem-se visto que a religiosidade/espiritualidade fortalece o sentido de vida e o estabelecimento de projetos vitais e é uma dimensão importante no enfrentamento de situações adversas. Embora também se possa considerar algumas formas de religiosidade patológica que enfatizam a fuga da realidade ou acirramento de conflitos entre culturas, ou ainda a associação da religião com efeitos negativos como culpa, ansiedade, intolerância, depressão, rigidez cognitiva e excessiva dependência. A questão da religiosidade/espiritualidade como um fator de proteção do jovem é um tema que vem sendo estudado, sendo que muitas pesquisas destacam sua importância nessa fase da vida. A religiosidade tem sido associada, na adolescência, à melhor tomada de decisão, maior bem-estar, menor envolvimento em comportamentos violentos, menor risco de doenças e menos problemas de comportamento.

IHU On-Line - Além da espiritualidade, que outros fatores podem influenciar nos processos de educação e até mesmo na forma de lidar com os adolescentes?

Luciana Marques - Quando lidamos com adolescentes na posição de pais, professores ou facilitadores, assumimos o papel do adulto que sabe e muitas vezes esquecemos que já tivemos aquela idade. Eventualmente, forçamos para que o grupo atinja os objetivos ou se adapte ao nosso projeto. Mas sem uma relação estreita, próxima, entre pessoas, o trabalho fica superficial e não atinge o jovem, que deflagra a perda de tempo através da rebeldia e não comprometimento. A empatia é fundamental no trabalho com jovens. Por melhor que sejam nossas propostas e instrumentos de trabalho, não vamos alcançar resultados se não escutarmos o que eles pensam, o que eles querem, e adequarmos nossa linguagem. A leitura do contexto familiar e social também é central, nos auxiliando a compreender outras variáveis envolvidas. Essa compreensão ampla atravessa nossa prática e viabiliza projetos junto aos jovens, que percebem quando realmente estamos interessados neles.

Perfil Popular

Rosalba Eliane Gomes Wisnivski

POR BRUNA QUADROS

Nesta semana, quem conta a sua trajetória de vida para a revista IHU On-Line é Rosalba Eliane Gomes Wisnivski, moradora do bairro Xaxim, em Curitiba, no Paraná. Há três anos, ela passou a trabalhar em uma padaria comunitária, que tem como base o sistema de auto-gestão. Segundo Rosalba, é esta prática que falta para o Brasil mudar e ser um país mais social, onde todos tenham vez e voz. Além de ser engajada em lutas sociais, Rosalba também é uma pessoa de muita fé. Durante a entrevista, ela destacou que a sua espiritualidade a faz caminhar para todos os lados pensando sempre no melhor não só para ela, mas também para o povo. Acompanhe, a seguir, os relatos de vida desta mulher, contados por telefone à revista IHU On-Line:

Nascida em Paranaguá, no Paraná, Rosalba, 51 anos, é a filha mais velha de outros três irmãos. Ela conta que sua mãe, Albani Gomes, sempre foi dona-de-casa. Para ajudar, ela costumava para fora. Seu pai, Hugo Gomes, era motorista de caminhão. “Tenho duas irmãs vivas e um irmão já falecido. Meu pai morreu do coração e o meu irmão, em um acidente de carro. Foram as minhas maiores tristezas.”

Da infância em Paranaguá, Rosalba lembra das brincadeiras com seus primos, subindo em árvores. “Minha relação com as minhas irmãs é bem família. Somos bem amigas. Quando minha mãe teve a segunda filha, eu já estava com 7 anos. Fui eu que ajudou a cuidar dela. É uma convivência de amigo e quase segunda mãe deles, porque a minha mãe costurava e eu cuidava dos meus irmãos.”

Ter amizade e fazer o bem, para receber o bem de volta. Estes foram os principais valores que Rosalba aprendeu na infância e carrega até hoje. Ela conta que foi sua mãe quem lhe passou mais esses valores, porque seu pai bebia muito. “Ele era muito bom para nós, enquanto pai. Mesmo com o problema do alcoolismo, ele nunca passou coisas erradas para a gente. Se não puder ajudar, mal também não se faz.”

Na época em que estudava, Rosalba cursou até a 5ª série, ainda morando em Paranaguá. “Quando terminei, as professoras diziam que eu tinha que continuar os estudos, mas não tínhamos condições. Enquanto estudei, aprendi tudo o que podia.” Quando a família se mudou para Curitiba, Rosalba estava com 15 anos. “Comecei a namorar e casei cedo, porque engravidei. Sempre trabalhei em casa. Minha mãe gostava muito de cozinhar, e aprendi a cozinhar para ajudar o meu marido em casa. Fazia bolos e salgados sob encomenda. Eu tinha o sonho de ter uma família, assim como minha mãe teve.” Orgulhosa, Rosalba comenta que seu casamento dura até hoje. Da união, nasceram três filhos: Luiz Renato, 34 anos, Rodrigo César, 30, e Lidiane Cristina, 26.

Para Rosalba, o conceito de família se define em duas palavras: amor e carinho. “Passamos por alguns problemas, porque meu marido também bebe. Já passei por esse problema na infância, com o meu pai, e é difícil superar.” Para passar por este desafio, Rosalba precisou contar, e muito, com a ajuda dos amigos. Ela já participava de grupos de família na sua rua, antes de começar a atuar nas Comunidades Eclesiais de Base, um trabalho que já

dura mais de 20 anos.

“O que a gente quer é um mundo melhor, um país mais social, onde todos tenham direito, vez e voz. Trabalhamos com muita força de vontade nas eleições do presidente Lula. Tinha uma esperança de que tudo ia mudar, mas sabíamos que não seria de uma hora para a outra.” Na visão de Rosalba, o Brasil tem condições de mudar, mas, enquanto as pessoas pensarem em eleger alguém só pelo dinheiro, vendendo o voto, o país não vai para frente nunca. “Temos que começar a mudar as pessoas que estão a nossa volta, porque o mesmo dinheiro que o político paga para que as pessoas coloquem placas em suas casas será retirado, quando ele for eleito.”

Rosalba trabalha em uma padaria comunitária há três anos. São cinco mulheres trabalhando no sistema de auto-gestão. “Se o nosso país fosse dirigido dessa maneira, acho que estaria 80% melhor. Aqui, todas têm vez e voz. Fazemos diversos produtos, como pães e bolachas, além de cozinarmos em casamento e fazermos almoços vegetarianos.”

Enquanto participante das Comunidades Eclesiais de Base, Rosalba acredita em uma Igreja mais viva, mais voltada para os interesses do povo. “Não acredito naquela Igreja em que os padres mandam em tudo e nós não somos nada. Acredito que fazemos a diferença, que somos o povo escolhido. Jesus nos deixou esta caminhada de estar dentro dos movimentos sociais, nas assembleias populares e gritos dos excluídos.”

Para Rosalba, ter fé é muito mais que acreditar em um ser maior, é ter uma direção para seguir. “A minha espiritualidade me faz caminhar para todos os lados pensando sempre no melhor para mim e para o povo. É essa a fé que me faz participar do grito dos excluídos, da Romaria da Terra, um encontro realizado em agosto com os integrantes do MST. A gente acredita nessa luta que eles têm.” Para Rosalba, se as terras que estão exageradamente nas mãos de uma só pessoa fossem divididas, haveria mais pessoas plantando arroz, feijão e não haveria necessidade de importar os alimentos.

“Tive muitos momentos felizes, como o meu casamento e o nascimento dos meus filhos.” No entanto, há uma data da qual Rosalba recorda com muito orgulho: 25 de agosto de 2005, dia da inauguração da padaria, na Vila São Pedro, em Curitiba. “Foi uma luta muito grande e, quando entramos no local e começamos a fazer o pão para vender, vi que era um sonho se realizando.” E é na padaria, seu local de trabalho, que Rosalba concentra o seu maior sonho. “Que a gente progrida na padaria comunitária, e que o povo acredite mais em uma outra forma de economia, a economia solidária, o que poderia ajudar o país a sair desse buraco.”

IHU Repórter

Ana Cristina Rodrigues

POR BRUNA QUADROS

BRUNA QUADROS

Foi ainda na infância que Ana Cristina Rodrigues experimentou o gosto da leitura.

E o incentivo veio de dentro de casa. “Minha mãe passou a trabalhar com venda de livros e enciclopédias. Ela sabia vender muito bem e acabou me vendendo essa idéia da leitura, do estudo.” Assim, Ana cresceu com a idéia fixa de propagar o conhecimento. Professora desde os 17 anos, ela se formou em Pedagogia e, recentemente, realizou um dos seus maiores sonhos: concluiu o doutorado. De origem em uma família simples, Ana cresceu com valores que a ensinaram a perseguir as melhores perspectivas de vida. Durante a entrevista à revista IHU On-Line, ela lamentou que o atual governo não esteja contribuindo para que o povo brasileiro tenha ânimo para persistir. “O maior pecado não é a crise do mercado financeiro, e a corrupção mata, aos poucos, a esperança.” Acompanhe, a seguir, os relatos de vida desta professora que, desde 2001, integra a docência da Unisinos, no curso de Pedagogia.



Origens - Nasci em Bagé, no interior do estado. A lembrança que tenho da profissão dos meus pais na infância era do meu pai caminhoneiro e minha mãe funcionária pública em um centro de saúde em Bagé. Tenho duas irmãs mais velhas. Estou com 39 anos. Até hoje, nós somos muito amigas. Minhas melhores amigas são as minhas irmãs, Susi e Greice.

Valores - A família sempre foi o nosso esteio. Meus pais nos ensinaram a lutar pelos nossos ideais, perseguir os sonhos que a gente tem e a manter a união da família. Isso é muito forte para